

André Filipe Ferreira da Silva



**DA PROFUSÃO CULTURAL À PERFUSÃO DA CRIATIVIDADE
DAS ALDEIAS D'OURO DE BAYAM AO MUSEU DA COMUNIDADE**

Trabalho de projeto para obtenção do Grau de Mestre em
Turismo e Desenvolvimento de Negócios

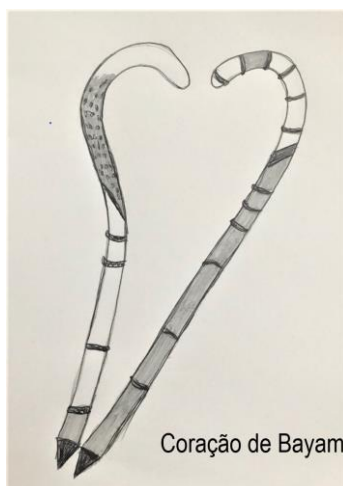
Orientadora: Prof.^a Doutora Lúcia Aguiar



Novembro de 2018

André Filipe Ferreira da Silva

**DA PROFUSÃO CULTURAL À PERFUSÃO DA CRIATIVIDADE
DAS ALDEIAS D'OURO DE BAYAM AO MUSEU DA COMUNIDADE**



Trabalho de projeto para obtenção do Grau de Mestre em Turismo e
Desenvolvimento de Negócios, orientado pela Doutora Lúcia Aguiar

Instituto Superior de Ciências Empresariais e o Turismo

Novembro de 2018

Índice

Agradecimentos.....	5
Lista de figuras	6
Lista de Tabelas	6
Lista de Siglas e Acrónimos	7
Resumo.....	8
Abstract.....	10
Introdução.....	12
Metodologia	14
Estado de Arte.....	17
1. A Emergência do Turismo	17
1.1. Turismo Cultural.....	17
1.2. Turismo Cultural para o Turismo Criativo.....	18
2. Enquadramento do Território – Baião.....	22
2.1. Localização.....	22
2.2. Dinâmicas Territoriais	24
2.3. Acessibilidade	29
2.4. Ativos e atrativos.....	32
2.5. Artes, Ofícios, Tradições e Costumes.....	37
3. O Mundo Rural – Baião.....	48
4. Imagem do destino.....	50
5. Características do Turista de Baião.....	53
6. Cidade, Criatividade e Redes	55

7. Nova Museologia.....	57
Proposta.....	61
Considerações Finais	81
Bibliografia	83

Agradecimentos

À minha orientadora, Professora Doutora Lídia Aguiar, pelo apoio, rigor científico, conhecimento e pela disponibilidade e compreensão demonstrada.

Aos meus pais, Eva Silva e Agostinho Silva, pelo amparo aos mais variados níveis, sem o qual este trabalho não seria possível.

À minha mulher, Sandra Alves, pelo amor, paciência, partilha e carinho. Foi uma longa caminhada que exigiu companheirismo, muita compreensão e apoio. Um longo ano repleto de desafios, imprevistos e percalços. Momentos de trabalho solitário que soube transformar num caminhar e crescimento mútuo e repartido.

Para quem gosta de sonhar acordado, a viagem é um momento de excelência para a aventura, para a descoberta e para o conhecimento. Um trabalho de mestrado, para além do rigor científico, pode ser uma viagem no conhecimento. Um trabalho solitário de investigação que no final pode dar um novo olhar, asas à imaginação, sobre um quotidiano vivido e sentido. O dia a dia tem, por vezes, uma magia negligenciada. Por esse motivo, agradeço a todas as pessoas e instituições que colaboraram e contribuíram nesta tentativa de acrescentar valor aos recursos da comunidade onde nasci.

Lista de figuras

Figura 1 - A emergência do turismo criativo	19
Figura 2- Distribuição da população por freguesia (%) em 1950 e 2011. Fonte INE, 1950-2011.	26
Figura 3 - Povoamento e eixos viários principais. Fonte INE 2011; CAOP 2012 IGeoE.	27
Figura 4 - Distribuição da população ativa por setor de atividade, entre 1981 e 2011. Fonte INE, 1981-2012.	28
Figura 5 - Rede viária: Fonte IGeoE.....	30
Figura 6 - Distribuição modal nas freguesias de Baião. 1991,2001 e 2011. Fonte INE, 1991-2011; CAOP, 2012.	32
Figura 7 - Proposta de territórios turísticos no concelho de Baião na oferta turística. ...	35
Figura 8 - Artes, Ofícios e tradições distribuídos pelo Concelho de Baião.	40
Figura 9 - Rede de Aldeias D´ouro de Bayam: distribuição das pelas freguesias do concelho de Baião.....	68
Figura 10 - Museu da Comunidade e respetivos pólos museológicos.....	70

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Territórios e produtos a desenvolver / implementar (síntese).	36
Tabela 2 – Sistematização das atividades passíveis de inovação com base em experiências criativas.....	79

Lista de Siglas e Acrónimos

A	Autoestrada
CASA	Complexo Arqueológico da Serra da Aboboreira
CEE	Comunidade Económica Europeia
CREATOUR	Desenvolver Destinos de Turismo Criativo em Cidades de Pequena Dimensão e Áreas Rurais
EN	Estrada Nacional
INE	Instituto Nacional de Estatística
IP	Itinerário Principal
IPAM	Instituto Português de Administração de Marketing
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico
OMT	Organização Mundial do Turismo
ONU	Organização das Nações Unidas
PDM	Plano Diretor Municipal
PRODERE	Programa de Desenvolvimento Rural
PROVERE	Programa de Valorização Económica dos Recursos Endógenos
QREN	Quadro de Referência Estratégica Nacional
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

Resumo

A última década do século XX foi marcada por profundas alterações que direcionaram os diversos setores da sociedade para um processo de reorganização e redefinição, no sentido de acompanharem as mudanças globais. No turismo, essa evolução manifestou-se particularmente na busca de experiências mais autênticas. No centro desta transformação estiveram as pessoas, os seus interesses e valores e a sua forma de interação em sociedade. Neste contexto, a procura do turista por experiências diferenciadoras, autênticas, geradoras de aprendizagens e capazes de contribuir para o seu desenvolvimento pessoal, lançou um novo olhar sobre os recursos culturais e os espaços onde estes se inserem. Desta evolução do turismo cultural para um conhecimento experimentado, nasce o turismo criativo.

Com este trabalho, pretende-se estudar o potencial do Concelho de Baião para o desenvolvimento de turismo criativo, tendo por base a ruralidade e autenticidade inscritas nas artes, nos ofícios, nos costumes e nas tradições característicos e diferenciadores da sua identidade cultural. Com base numa pesquisa exploratória, procurou-se, num primeiro momento, identificar e inventariar o conjunto de recursos culturais existentes no território passíveis de operacionalizar, numa visão de inovação pela criatividade. Num segundo momento, conjeturar e arquitetar uma possível rede de aldeias que suportariam uma nova estratégia de comunicação e marketing onde a estruturação de um museu comunitário, transversal à rede e aos demais recursos, fosse o motor impulsionador capaz de induzir inovação e criatividade ao espólio cultural existente. Numa terceira etapa, o autor pretende concretizar num caso de estudo, o potencial contributo para a inovação de um espaço museológico através do desenvolvimento de turismo criativo – as Bengalas de Gestação. Estas bengalas são uma das artes tradicionais e identitárias de Baião, cujo fabrico se mantém ainda hoje na freguesia de Gestação. Os pólos museológicos planeados devem criar condições de

conservação e preservação dos saberes locais assim como contextos para o desenvolvimento de experiências participativas.

Por fim, pretende-se elencar algumas recomendações que permitam contribuir para o desenvolvimento rural de Baião, território de baixa densidade populacional, localizado no interior do distrito do Porto.

Palavras chave: Rede de Aldeias, Museu da Comunidade, Turismo Criativo, Sustentabilidade, Artes, Ofícios, Ruralidade, Costumes, Tradições e Inovação.

Abstract

The last decade of the twentieth century was marked by profound changes that have directed various sectors of society to a process of reorganization and redefinition, in order to meet the global changes. In tourism, this evolution has manifested itself particularly in the search for more authentic experiences. At the center of this transformation were people, their interests and values, and their social interaction. In this context, the tourist's search for distinctive, authentic, learning-generating experiences that are capable of contributing to his or her personal development, has generated new interest in cultural resources and the areas where they are located. From this evolution of cultural tourism to an experienced knowledge, creative tourism is born.

This work aims to study the potential of Baião Municipality for the development of creative tourism, based on the rurality and authenticity of its arts, trades, mores and traditions that characterize and differentiate Baião's cultural identity. Based on an exploratory research, the first step was to identify and inventory the cultural resources that can be explored, envisioning innovation through creativity.

Secondly, to conjecture and assemble a network of villages that would support a new communication and marketing strategy, in which the structuring of a community museum, transversal to the network and other resources, would be the driving force capable of inducing innovation and creativity to the existing cultural assets. In a third moment, the author intends to demonstrate, through a case study, the potential contribution of creative tourism to innovation in a museum setting – the Gestaçô walking sticks. These canes are one of the traditional arts and identities of Baião, whose manufacture remains in the parish of Gestaçô. The creation of a museum would allow for the conservation and preservation of local knowledge as well as an environment suitable for the development of participatory experiences.

Finally, it intends to list some recommendations that would contribute to the rural development of Baião, a territory of low population density, located in the interior of the district of Porto.

Keywords: Village Network, Community Museum, Creative Tourism, Sustainability, Arts, Crafts, Rurality, Mores, Traditions and Innovation.

Introdução

Quem desce dos 1416 metros de altitude da Serra do Marão aos cerca de 50 metros junto à albufeira da Pala, onde o Douro, espelhando as margens, reflete as estrelas, calcorreia-se por uma fabulosa ambivalência de cenários concebidos pela simbiose entre o Homem e a natureza que o inspira. Uma viagem no tempo e no espaço que nos transporta por entre uma dicotomia encantadora de períodos e paisagens, onde o charme D'ouro e a rudez serrana do Marão emergem numa serenidade que pinta harmoniosamente a paisagem e se aflora nas gentes e nos lugares de Baião.

O concelho encerra uma área geográfica delimitada e coincidente com os limites de um território, cujo património aponta para uma ocupação humana ininterrupta desde a pré-história. A serra do Marão e o rio Douro são dois dos principais ativos/atrativos naturais que distinguem o território, transformando-o na beleza e diversidade natural tão bem descrita por Eça de Queirós em *A cidade e as Serras*, que acalenta expectativas relativamente a esta nova oportunidade de desenvolvimento: o turismo. Foram realizados alguns investimentos aos mais variados níveis, no sentido de receber e dar a conhecer o território. A criação do site *visitbaião.pt*, a *Casa de Baião* no Porto ou os espaços de hotelaria de excelência têm vindo a contribuir nesse sentido.

Um território com estas características deve daí retirar a devida vantagem, assegurando, simultaneamente, a sua preservação, valorização e complementaridade. A sustentabilidade deve ser um objetivo a almejar. Neste momento, "*Baião Vida Natural*" é o slogan identitário do concelho que ilustra e contextualiza um dos municípios portugueses com melhor qualidade ambiental. Esta distinção deve-se, em larga medida, ao facto de grande parte dos 17 mil hectares, divididos em 14 freguesias, estarem cobertos por vegetação. De registar que Baião é um dos concelhos com maior percentagem de áreas verdes de todo o distrito do Porto, o que lhe confere uma *vocação*

natural, considerando os vários quilómetros de rio Douro e os distintos cumes serranos de onde se destaca a serra do Marão. Trata-se de um território caracterizado por acentuados contrastes paisagísticos onde os obstáculos naturais formaram barreiras que ajudaram a esculpir e a moldar uma identidade comum única, distintiva e com uma enorme variedade cultural. Esse legado cultural, fruto da reação e vigor das gentes, conta com um passado de vastas memórias e marcas simbólicas que remontam ao Neolítico Antigo, ou seja, há mais de 7000 anos. Ao longo de praticamente toda a região, podem ser identificados inestimáveis testemunhos da presença humana.

É com base neste vasto legado património imaterial, perpetuado no tempo pela transmissão intergeracional, que emergem novas oportunidades de desenvolvimento. Os saberes ancestrais, hoje vistos, por vezes, como inadequados aos tempos atuais, podem constituir a matéria-prima para a inovação, reinventando a História e as Estórias. A criatividade pode ajudar a readaptar certas memórias ininterruptas, recriando e moldando produtos e experiências às tendências e desejos da procura contemporânea.

Desta forma, parecem presentes os alicerces para o desenvolvimento do turismo em geral e reunidas as condições para reconfigurar criativamente as experiências relacionadas com as potencialidades culturais do concelho.

Com este estudo procurou-se enumerar e identificar as artes, os ofícios, as tradições e os costumes que caracterizam a região e que apresentam potencial para proporcionar e despoletar sensações alusivas à genuinidade e autenticidade, muitas vezes associadas à imagem bucólica esperada nestes territórios. Esse património deve ser inserido numa rede de pólos museológicos que os promovam, devidamente contextualizados na ruralidade que identifica e caracteriza Baião.

Metodologia

A elaboração desta dissertação passou essencialmente por duas etapas diferentes. Numa primeira etapa, foi necessário realizar um trabalho de investigação. A pesquisa efetuada, do tipo exploratório, consistiu numa recolha bibliográfica que inclui a revisão da literatura, publicações, artigos científicos, dissertações, revistas da temática, notas de imprensa e material promocional. Os temas procurados relacionaram-se com turismo, planeamento e estratégias para o turismo da região, tendências para o turismo, turismo criativo, rede de cidades criativas, nova museologia, turismo em contexto rural, rede de aldeias, artes, ofícios, tradições e costumes de Baião, perfil do turista em Baião e na região e imagem do destino Baião.

Este tipo de pesquisa pressupõe o estudo e o aprofundamento de temas e assuntos pouco explorados e dos quais pouco se sabe. Pelo facto de ser uma investigação do tipo exploratório pode resultar um forte cunho por parte da pessoa que a conduz, o que se traduz, por vezes, na forma de um estudo de caso (Gil, 2002, p. 41). Apesar do tema abordado estar relacionado com um quotidiano não muito longínquo, a informação produzida sobre o mesmo é parca e foi-se perdendo no tempo. A busca formulada motivou a recolha de todo um vasto património cultural relacionado com os saberes quotidianos das gentes de Baião. Apesar da pouca literatura específica sobre a temática, existem alguns autores que abordam o tema em análise. Para a fundamentação teórica, destaco a obra literária do escritor António Mota, a exaustiva pesquisa do escritor José Alberto Gonçalves no livro *Baião Através dos Tempos*, as preciosas publicações da revista *Bayam*, verdadeiros esteios do saber sobre artes, tradições, ofícios e costumes de Baião. A coleção *Em Torno de Baião* e o artigo científico *O turismo como argumento para o desenvolvimento – O Concelho de Baião entre a profusão do património natural e a espessura das atividades humanas* foram fontes importantes na visão para o turismo na região, assim como as publicações e revistas

municipais. Uma vez que a literatura específica sobre o tema é pouco abundante, recorreremos ainda ao conhecimento empírico, junto da população residente. Com este levantamento, procurou-se elencar um conjunto de ativos e de atrativos culturais que identifiquem e distingam o território e que possam ser organizados e aproveitados de uma forma inovadora e sustentável. Para isso, precisávamos formular uma estratégia de promoção e comunicação que contribuísse para a conservação e perpetuação no tempo deste património.

Nesse sentido e, numa segunda etapa, fomos para o terreno para aferir e enquadrar a informação, bem como falar com residentes, sob a forma de entrevista. Percorremos todo o concelho no sentido de avaliar aspetos tão diversificados como vias de comunicação, tempo de deslocação, envolvimento da população, entre outros. Enquanto isso, visitámos os pólos museológicos existentes, a *Casa de Baião* no Porto, o Posto e Loja Interativa de Turismo, para além de falarmos com residentes mais idosos, artesãos, presidentes de junta de freguesia e párocos locais. Para estimar a possibilidade de inovar a produção, no que respeita ao local e à participação na experiência, de uma das artes mais características de Baião, as Bengalas de Gestaçô, realizámos uma entrevista ao Sr. Eduardo Cardoso, por ser um dos poucos artesãos no ativo.

Paralelamente, foi realizado um trabalho de pesquisa e análise fora das fronteiras do concelho. Para tal, foram escolhidos dois exemplos de boas práticas de promoção turística e cultural realizada em territórios semelhantes a Baião como forma de analisar o caminho aí traçado e o trabalho realizado.

Para estudar a forma de conservar e preservar a identidade, *in loco*, de um povo, promovendo experiências participativas, foi analisado o *Ecomuseu do Barroso*, cuja sede se situa em Montalegre. Foi feito todo um trabalho de campo realizado através de uma reunião com o principal mentor do projeto, Dr. David Teixeira e visitas aos diferentes pólos e atividades desenvolvidas naquele território.

Para avaliar a criação de uma marca turística e o posicionamento cultural de um destino, analisámos o projeto *Rede das Aldeias de Xisto*, na forma de comunicação, na estratégia de valorização patrimonial e coesão social e no desenvolvimento de experiências diferenciadoras e adaptadas à procura.

Para um conhecimento e entendimento do conceito de turismo criativo, participámos na *I Conferência Internacional CREATOUR*, cujo objetivo é desenvolver destinos de turismo criativo em cidades de pequena dimensão e áreas rurais. Nesse evento, houve a oportunidade de conhecer o que se estava a fazer um pouco por todo o país e as boas práticas de municípios como, por exemplo, Loulé ou Óbidos. Para além disso, estivemos no *I Seminário Internacional de Turismo Criativo*, promovido pela Autarquia de Esposende para aprofundar conhecimento sobre o projeto desenvolvido em Mirandela relacionado com os Caretos.

Esta dissertação estrutura-se em cinco capítulos: introdução, metodologia, estado da arte, proposta e considerações finais.

Estado de Arte

1. A Emergência do Turismo

1.1. Turismo Cultural

Num âmbito abrangente, podem ser inseridos no turismo cultural os movimentos das pessoas em busca de motivações essencialmente culturais tais como excursões de estudo, teatralizações e excursões culturais, viagens para festivais e outros eventos culturais, visitas a localidades e monumentos, viagens para estudar a natureza, folclore ou arte e peregrinações (Organization, 2004). O turismo cultural deve ser considerado como uma das áreas mais importantes e rapidamente atraentes do turismo global. A popularidade desta forma de turismo como estratégia de desenvolvimento local deve-se a uma ampla gama de fatores, relacionados tanto com a procura quanto com a oferta de turismo cultural (Greg Richards J. w., 2005). Esta reflexão parte de uma perspetiva global e remete para uma utilidade ao nível local. Cada país deve analisar esta questão, ponderando meticulosamente a conjugação entre os diferentes fatores.

Em Portugal, a importância estratégica deste segmento de turismo é valorizada por múltiplas entidades nacionais, regionais e locais. A *Estratégia de Turismo Portugal 2027* enquadra a diversidade e o elevado valor do património histórico-cultural como uma potencialidade do país (Portugal T. , 2017). A corroborar essa visão, a Entidade Regional Porto e Norte de Portugal, na sua *Estratégia de Marketing Turístico do Porto e Norte de Portugal – Horizonte 2015/2020* (Portugal E. R., 2015), reconhece como produto âncora para os subdestinos Porto e Douro, o Touring Cultural e Paisagístico. Se ao nível estratégico se assume relevância do turismo cultural, estudos existem que demonstram resultados positivos nessa influência para o desenvolvimento. O Estudo Macroeconómico para o Desenvolvimento de um *Cluster* das Indústrias Criativas na

Região Norte (Serralves, 2008) concluiu que a cultura tem sido usada como um meio de desenvolvimento económico e social. Desta forma, os destinos que não têm um reconhecimento presente para o turismo cultural ou ícones culturais globais capazes de atrair visitantes culturais, têm uma necessidade em desenvolver novos produtos e atrações capazes de captar a atenção dos “*caçadores de cultura global*” (Greg Richards J. w., 2005). De acordo com (Carvalho, 2013), os turistas culturais gastam em média três vezes mais do que os outros turistas. A Organização Mundial de Turismo (OMT) alerta para a necessidade de segmentação da oferta turística com a criação de uma maior variedade de produtos de turismo cultural, bem como do controlo da pressão nos locais patrimoniais mais visitados (Gonçalves A. R., 2008).

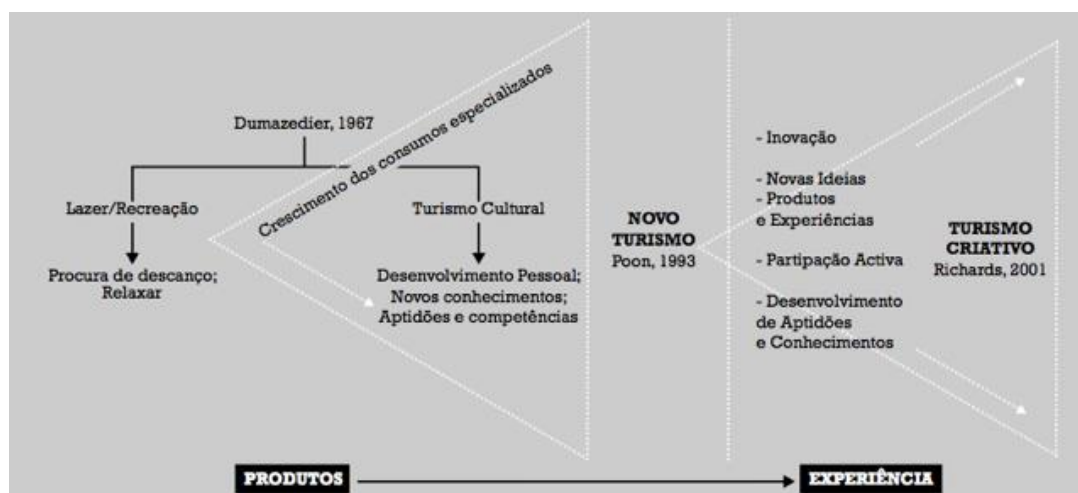
A nível internacional, existe o reconhecimento de que o turismo cultural tem crescido significativamente nas últimas décadas. A par desse dado incontestável, é manifesto que a oferta neste segmento se tornou numa oferta de massas (Cayeman, 2014).

1.2. Turismo Cultural para o Turismo Criativo

Se o crescimento do turismo cultural é um facto, certa também parece ser a dificuldade em responder a essa procura por experiências culturais, onde os turistas possam interagir e participar. A conceção de experiências mais personalizadas, mais autênticas e organizadas a menor escala veio abrir um espaço de oportunidade a regiões que se julgavam inadaptadas aos tempos atuais. Com base neste pressuposto e de acordo com as alterações dos interesses, das necessidades e dos motivos dos turistas, (Cayeman, 2014) defende que a criatividade pode responder a esta necessidade de desenvolvimento pessoal, gerando uma “*atmosfera*” única que permita uma distinta interação entre a cultura de quem acolhe e o visitante, ajudando a combater

a reprodução massiva da cultura. O estudo da Fundação de Serralves vem realçar a importância de analisar esta questão, defendendo que assistimos a um novo consumo praticado por um “*novo turista*” que procura uma alternativa aos produtos turísticos tradicionais (Serralves, 2008). A oferta deve destacar os elementos diferenciadores e caracterizadores, tirando partido do potencial cultural e, para isso, tem de ser capaz de conjugar património material, imaterial e criatividade. Deste modo, a criatividade tornou-se uma estratégia a ser aproveitada pelos locais que queiram desenvolver, crescer e promover o seu potencial cultural (Cayeman, 2014). A mesma autora, citando (Gordine Matest Kaya, 2012)¹, afirma que a principal diferença entre turismo cultural e turismo criativo consiste na distinta utilização de recursos que esses tipos de turismo utilizam e na motivação que os turistas demonstram para participar nas atividades (figura 1).

Figura 1 - A emergência do turismo criativo²



O conceito de turismo criativo surge na Europa nos finais da década de 90, com o objetivo de envolver o turista na cultura local. Implementado por um conjunto de parceiros do projeto Eurotex, começou por permitir aos visitantes um maior conhecimento sobre a forma como os produtos locais eram elaborados (Richards,

¹ (Gordine Matest Kaya, 2012)

² (Gonçalves A. R., 2008, p. 13)

2015). A (UNESCO, 2006, p. 2) considera o turismo criativo como uma nova geração de turismo. Alguns autores referem-se ao turismo criativo como a continuidade do turismo cultural, perspetivando-o como uma evolução deste último no sentido em que responde a uma “*necessidade de operar a passagem de uma fruição passiva do produto por parte do turista para um modelo em que o turista quer ser um elemento ativo na experiência turística*” (Mécia Cunha Mota, 2012, p. 60). De acordo com a *Estratégia de Turismo Portugal 2027*, uma das potencialidades de Portugal é o ecossistema empreendedor e criativo ligado ao turismo (Portugal T. , 2017).

O conceito de turismo criativo foi definido pela primeira vez como sendo “*o turismo que oferece aos visitantes a oportunidade de desenvolver o seu potencial criativo através da participação ativa em experiências de aprendizagem que são características do destino de férias onde se realizam*” (Greg Richards C. R., 2000, p. 18).

Nesse sentido, é concebido o primeiro projeto formal de turismo criativo por Crispin Raymond, na Nova Zelândia, em 2001, onde o autor analisou o conceito de turismo criativo à luz dos ideais de Confúcio:

- Eu ouço e esqueço;
- Eu vejo e lembro;
- Eu faço e entendo.

Os interesses e motivações dos turistas foram mudando ao longo dos tempos. As pessoas sentem, hoje, mais necessidade de expressar e desenvolver a sua criatividade. Segundo (Richards, 2015), o turista deseja dar sentido à sua vida, fazendo algo criativo e não somente consumir mais. Por outro lado, muitos turistas estão insatisfeitos com a oferta atual dos produtos turísticos que, muitas vezes, são vistos como padronizados e inautênticos, o que os leva a procurar experiências turísticas mais envolventes e formas de turismo mais “*relacionais*”. Neste sentido, (Cayeman, 2014) defende que o conceito de turismo criativo se expande como um todo, provocando uma mudança de modelos convencionais de heranças baseadas no turismo cultural para novos modelos de turismo

criativo, centrado na criatividade contemporânea, inovação e conteúdo intangível. A enquadrar estas opiniões, (Richards, 2015) defende que a principal razão para o crescimento do turismo criativo é a crescente insatisfação com os modelos tradicionais de desenvolvimento do turismo e a percepção de que a criatividade dos anfitriões e turistas é um importante recurso potencial para o desenvolvimento sustentável do turismo. Esta ideia é reforçada por (Cayeman, 2014), citando Carvalho et al.(2014)³ “a criatividade assume um papel vital enquanto elemento distintivo da experiência turística, capaz de satisfazer as expectativas de um público cada vez mais interessado em viver novas experiências relacionadas com o local e a comunidade que visita”.

É sobretudo em 2006, em Santa Fé, após a primeira conferência internacional organizada pela UNESCO centrada no tema do turismo criativo como programa pioneiro do turismo sustentável e criativo, que se impulsiona o grande estudo de investigação sobre o turismo criativo (Cayeman, 2014). Um relatório recente da OCDE sobre *Turismo e Economia Criativa 2014* aponta os caminhos pelos quais muitos países e regiões estão a utilizar as indústrias criativas como impulsionadores para o turismo e outras atividades ligadas à exportação (OCDE, 2014). Na base desta visão, estão benefícios para a comunidade e cultura locais. Para os visitados pelo turismo, o turismo criativo pode representar uma importante saída para a produtividade local e empresas, sendo que a criatividade é importante para o desenvolvimento de um turismo inovador e mais envolvente na perspetiva do destino como um todo. O turismo criativo é um meio potencial para se demarcar e distinguir num mercado cada vez mais competitivo (Richards, 2015). Uma correta exploração dos recursos endógenos ajuda à conservação e preservação dos mesmos, podendo contribuir, no caso em análise, para um desenvolvimento rural cada vez mais sustentável.

³ (Carvalho et al, 2014)

Sendo esse também, um objetivo final, ousamos lançar este novo olhar sobre os recursos de um território que se apresenta, com um considerável potencial para a implementação de turismo criativo.

2. Enquadramento do Território – Baião

2.1. Localização

“O concelho de Baião é uma extensa e formosa serra onde os cabeços se encostam às colinas, as colinas se encostam aos montes, e estes sobem tão alto que, de Castelo de Matos, (...) se pode em dias límpidos ver o mar” (Pinto, 1949, p. 105).

Localizado no noroeste português, Baião faz parte do distrito do Porto e da subregião do Tâmega. Considerado um território de transição a vários níveis, deve-se salientar o facto ser uma área de transição-território de fronteira provincial (Elsa Pacheco, 2016). Pese embora o enquadramento territorial no distrito do Porto e provincial no Douro Litoral, o território de Baião apresenta variadas influências naturais e culturais que se agrupam num espaço de montanha com vocação tradicionalmente rural (Elsa Pacheco, 2016, p. 20). Alguns autores afirmam que *“o relativo isolamento que o tem marcado ao longo dos séculos e ainda hoje, contribuiu para preservar o património e os modos de vida”* (L. P. Martins, 2014, p. 1).

O carácter acidentado da sua morfologia é uma das características que melhor define a região, de onde se salientam os *“fortes declives e vastas manchas florestais e agrícolas”* (L. P. Martins, 2014, p. 1).

Uma beleza natural, própria e única que muito deve aos enormes desníveis com altitudes muitas vezes superiores a 500 metros. Na paisagem, são bem perceptíveis os

profundos vales por onde passam os rios Ovil e Teixeira, serpenteando por entre as serras da Aboboreira, do Castelo e do Marão. Os topos elevados, vastos e geralmente aplanados, com cotas que ultrapassam os 900 metros no setor norte (957 metros na Sra. da Guia e 1416 metros na Sra. da Serra), contrastam com vertentes abruptas, acentuando as imagens de linhas de água que drenam os fundos do vale (Elsa Pacheco, 2016).

Se arquitetarmos as três serras do concelho como blocos rochosos elevados na paisagem, podemos verificar a existência de dois extensos conjuntos rochosos no território de Baião. Um que compreende as serras da Aboboreira e do Castelo, com cerca de 1000 metros de cota máxima, delimitado a ocidente pela rede hidrográfica do rio de Galinhas e do Ribeiro do Juncal e a oriente pelo rio Fornelo. Os limites norte e sul são definidos por acidentes transversais aos anteriores no alinhamento dos vales dos rios Tâmega e Douro (Elsa Pacheco, 2016). O segundo conjunto rochoso corresponde à serra do Marão e apresenta uma cota máxima perto dos 1500 metros. Daí que se possa afirmar que o território de Baião foi construído sobre um espaço constituído por rochas de granito que irrompem em mais de 80% da área total do município. No entanto, no seu extremo oriental, observa-se a transição para um substrato rochoso metassedimentar que domina a serra do Marão. Esses dados são coerentes com a ideia da influência mútua entre o Homem e a natureza, uma vez que os materiais de construção utilizados pelo Homem traduzem as características rochosas, ou seja, a matéria-prima de cada uma das aldeias possui e de acordo com a sua localização. Dessa forma, na aldeia de Mafómedes localizada na serra do Marão, o xisto é preferido como material de construção, em contraste com o uso preferencial do granito observado na aldeia de Matos localizada na serra do Castelo e nas aldeias de Almofrela e Telões localizadas na serra da Aboboreira (Elsa Pacheco, 2016).

Este contexto morfoestrutural do terreno tem também uma influência evidente ao nível das características climáticas: precipitação e temperatura. Ao nível da

precipitação, é óbvia a diferença entre os setores norte e nordeste do município relativamente ao sul, com maiores quantidades de chuva nos primeiros. Contrariamente à precipitação, a temperatura aumenta de norte para sul (Elsa Pacheco, 2016).

2.2. Dinâmicas Territoriais

Os animais são seres em movimento e em permanente mudança numa constante adaptação às alterações do meio e na procura de melhores condições de sobrevivência. Os seres humanos não são exceção a esta análise e múltiplos dados permitem-nos afirmar que no território de Baião se cumpriu esse desígnio. Quem observa as dinâmicas demográficas, verifica que nos últimos anos se consolida a concentração de residentes e suas atividades nas freguesias que, ao longo do tempo, souberam aproveitar melhor suas condições naturais e/ou de melhor acessibilidade territorial. A localização dos povoados foi-se alterando no tempo e espaço, fruto de um vasto conjunto de condicionantes que se foram modificando e que determinaram relocalizações geográficas, aumentos ou perdas demográficas. Numa sociedade com o setor dos serviços em crescendo cada vez mais em lugares mais centrais (as cidades e as suas extensões) e com as tendências recentes da evolução da população e dos usos do solo, deparamo-nos com a consolidação de processos de concentração populacional em núcleos urbanos funcionalmente mais especializados, dando origem ao abandono progressivo das atividades do setor primário (Elsa Pacheco, 2016, p. 39).

Com a adesão à Comunidade Económica Europeia (CEE), a crescente aposta nas obras públicas tais como equipamentos, acessibilidades e serviços, outrora apenas existentes nos centros populacionais de maior dimensão, trouxe às populações de meios mais pequenos, de que é exemplo Baião, uma maior equidade territorial, quando

analisada na perspetiva de acesso a bens e serviços essenciais aos atuais modos de vida. Um percurso inacabado de coesão territorial que tem seguido o seu caminho. Esta mudança na forma de valorizar os territórios pode, no caso em estudo, ter contribuído para uma diminuição da perda de residentes. Entre os anos de 1991 e 2001, em Baião, registou-se uma amenização das perdas populacionais. A população que era em 1981 de 24.438 residentes, passou para 20.522, de acordo com os Censos de 2011 (Elsa Pacheco, 2016, p. 42).

O Município de Baião é o único da sub-região do baixo Tâmega e pertencente ao distrito do Porto considerado, segundo deliberação da Comissão Interministerial de Coordenação, território de baixa densidade (Coordenação, 2015). Trata-se de uma realidade territorial que há muito acompanha o concelho. No início do séc. XXI, a realidade não é diferente. Com a atividade agrícola cada vez menos explorada e uma população que tem vindo a diminuir desde então, o Poder Local tem tentado inverter esta tendência, recorrendo a várias políticas locais de que é exemplo o processo de revisão do Plano Diretor Municipal (PDM), numa tentativa de tornar o concelho mais competitivo ao nível empresarial. (Baião C. M., 2012, p. 28).

As mudanças conjunturais nos acessos e nas condições de vida condicionam a fixação das populações, mas podem ser também fatores mobilizadores. Assim, nas últimas décadas, assistiu-se no concelho a dinâmicas populacionais entre as freguesias, verificando-se um maior dinamismo das freguesias situadas a sul do território e ao longo curso do rio Ovil (figura 2).

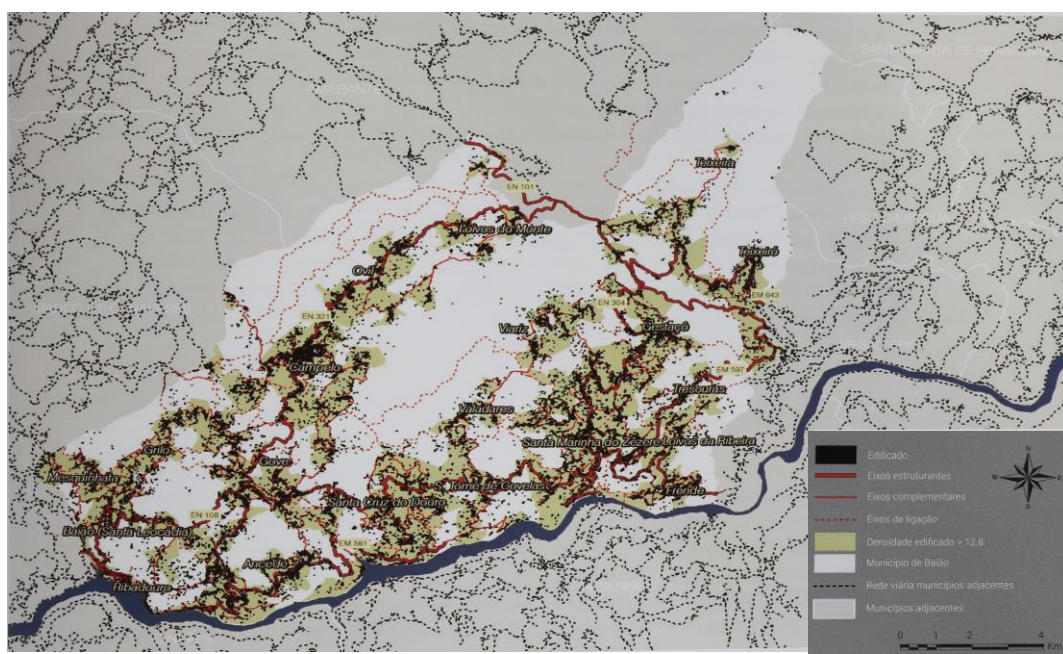
Figura 2 - Distribuição da população por freguesia (%) em 1950 e 2011. Fonte INE, 1950-2011.⁴

1950		2011	
Sta. Marinha do Zêzere	10,7	Campelo	15,8
Ancede	10,4	Sta. Marinha do Zêzere	13,6
Santa Cruz do Douro	9,5	Ancede	12,2
Campelo	8,1	Gove	9,7
Gestaçô	8,1	Santa Cruz do Douro	7,1
Gove	6,7	Gestaçô	6,1
Ovil	6,0	Valadares	4,3
Teixeira	5,2	Ovil	3,4
Valadares	4,5	Frende	3,2
Covelas	4,2	Teixeira	2,9
Frende	3,5	Grilo	2,9
Baião (Santa Leocádia)	3,4	Covelas	2,8
Ribadouro	3,3	Baião (Santa Leocádia)	2,7
Tresouras	3,0	Viariz	2,5
Grilo	2,7	Loivos da Ribeira	2,3
Loivos da Ribeira	2,5	Loivos do Monte	1,8
Viariz	2,4	Tresouras	1,8
Loivos do Monte	2,2	Teixeiró	1,7
Teixeiró	1,9	Ribadouro	1,5
Mesquinhata	1,8	Mesquinhata	1,5

Baião confirma as tendências regionais de ancoragem de contingentes em espaços funcionalmente mais dinâmicos, normalmente coincidentes com as sedes concelhias. Nas proximidades do vale do Ovil, onde foram criadas melhores condições de acessibilidade ao centro administrativo do concelho, bem como para a saída do próprio município, assistimos a uma maior fixação dos residentes, em oposição aos espaços serranos mais repulsivos, mas por sua vez com maior potencial turístico. A distribuição e a forma de povoamento atuais evidenciam uma forte aproximação aos eixos viários, que são o elemento estruturante da organização de qualquer território. Em Baião, predomina uma consolidação de uma tipologia de povoamento linear ao longo das vias principais, quer fluviais, quer rodoviárias (figura 3) (Elsa Pacheco, 2016, p. 54).

⁴ (Elsa Pacheco, 2016, p. 95)

Figura 3 - Povoamento e eixos viários principais. Fonte INE 2011; CAOP 2012 IGeoE.⁵



Ao nível da relação intergeracional, e seguindo a tendência dos países desenvolvidos, Baião regista uma dinâmica de desequilíbrio do ponto de vista da renovação de gerações, com envelhecimento visível da população. A diminuição no número de efetivos nos escalões dos jovens e jovens adultos (até aos 24 anos), contrasta com o aumento das classes da população de adultos e idosos (Elsa Pacheco, 2016, p. 49).

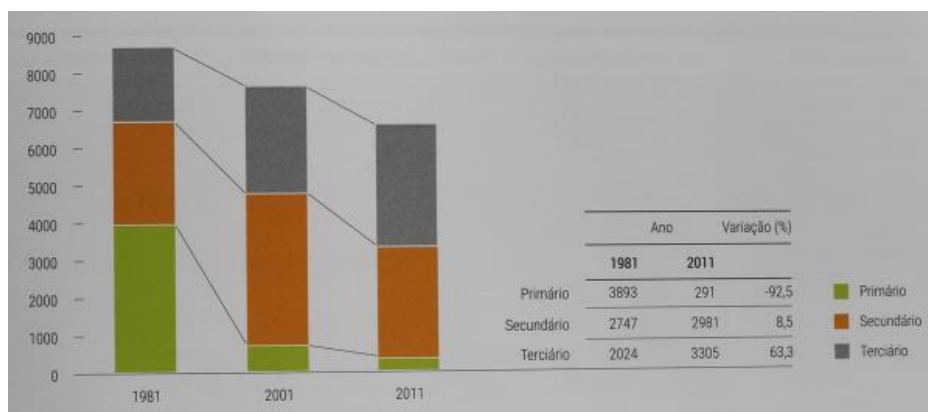
Foram vários os contributos para este envelhecimento populacional: a diminuição da taxa de natalidade, o aumento da esperança média de vida e o aumento de fluxos migratórios. Esta realidade altera as dinâmicas sociais, mas pode e deve ser perspectivada de forma positiva, na medida em que potencia sinergias geracionais enriquecedoras e produtoras de oportunidades de desenvolvimento em diferentes setores, do qual pode ser exemplo o turismo. Desta forma, poderíamos contribuir para a evolução cultural de uma sociedade que reconhece, valoriza e preserva as suas

⁵ (Elsa Pacheco, 2016, p. 55)

memórias, potenciando-as ao serviço do seu desenvolvimento (Elsa Pacheco, 2016, p. 51). As mudanças registadas tiveram também repercussões ao nível das habilitações literárias da população, traduzindo-se num aumento médio nos diferentes níveis de escolaridade e numa diminuição significativa de analfabetismo.

Esse facto está, de certa forma, relacionado com a profunda inversão da tendência dos setores de atividade. Em pouco mais de três décadas, Baião deixou de ter a maioria da população ligada ao setor primário, estando agora, maioritariamente ligada aos setores secundário e terciário. Entre 1981 e 2011, a taxa de variação da população ativa traduziu-se em perdas na ordem dos 93% para o setor primário, enquanto o secundário e o terciário registaram ganhos de 9% e 63%, respetivamente (figura 4) (Elsa Pacheco, 2016, p. 57).

Figura 4 - Distribuição da população ativa por setor de atividade, entre 1981 e 2011. Fonte INE, 1981-2012.⁶



Também neste aspeto se acentua a característica transitória do concelho, com o ocidente do município baionense com um predomínio de atividade nos setores secundário e terciário, enquanto que a oriente, permanecem as atividades ligadas ao setor primário (Elsa Pacheco, 2016, p. 57).

⁶ (Elsa Pacheco, 2016, p. 57)

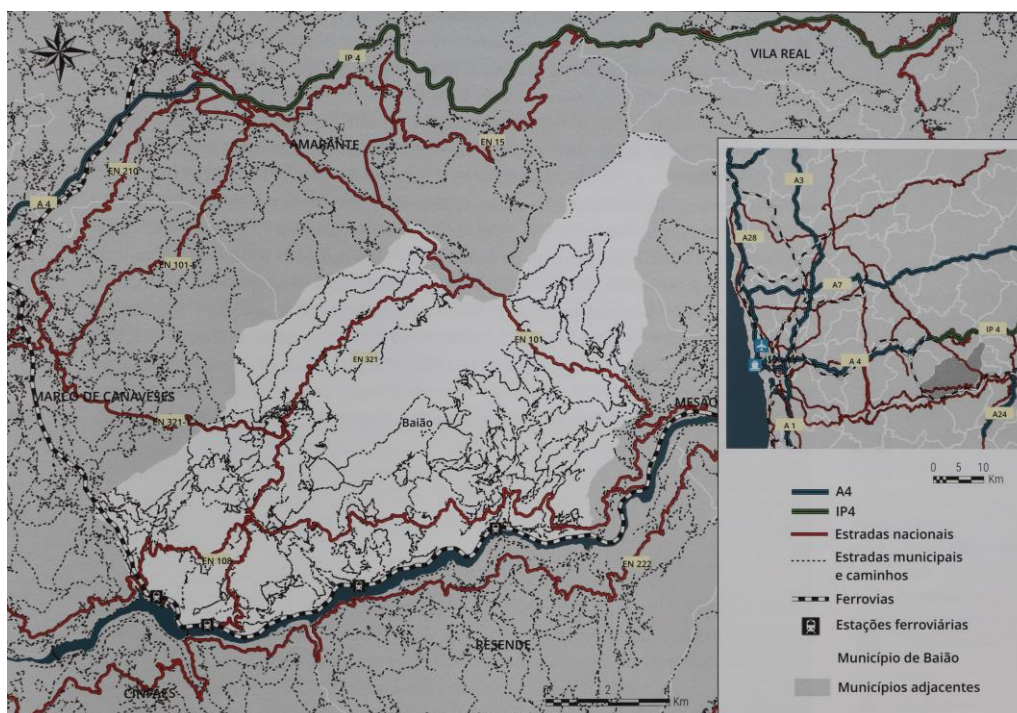
Se analisarmos a distribuição dos setores por freguesia, é na parte oriental do município que se situam as freguesias onde o setor agrícola predomina, enquanto o secundário se desenvolve maioritariamente nas freguesias em torno de Ovil e Campelo, e, por seu lado, um maior desenvolvimento do terciário nas freguesias localizadas na parte sul do município (Elsa Pacheco, 2016, p. 57). Os mesmos autores reconhecem que se o passado remete para um território vocacionado para a transformação de recursos naturais, o presente aponta o comércio, os serviços e as atividades industriais como as atividades desejadas pelos baionenses para percurso de vida.

2.3. Acessibilidade

A localização sempre contribuiu para definir a vantagem estratégica dos territórios. Reconhecida a sua importância, é atualmente “*adaptada*” pela ação humana sobre os territórios, o que juntamente com os atuais enquadramentos e padrões sociais, pode contribuir para determinar o grau de desenvolvimento.

Como já foi abordado anteriormente, Baião está no limiar entre os territórios de maior densidade populacional a oeste e os de baixa ocupação a este. A ligação rodoviária entre o Douro Litoral e Trás-os-Montes e Alto Douro é feita, primeiramente pela EN15 e posteriormente pela A4/IP4. Dada a importância nos padrões de desenvolvimento atual desta última, é de registar a ligação de Baião a sul a este vital eixo rodoviário, em 2005, através da EN321-1. O território é atravessado a nordeste pela EN101 que liga Amarante a Mesão Frio, e a sul pela EN108 que, acompanhando o rio Douro pela margem direita, permite a sua conexão ao Marco de Canaveses e a Mesão Frio, a jusante e a montante, respetivamente. A ligação NE-SW é assegurada pela EN321 que liga a EN101 a Mosteirô, atravessando pelo vale do rio Ovil (figura 5).

Figura 5 - Rede viária: Fonte IGeoE.⁷



Relativamente ao outro sistema de acesso vital para a conexão de Baião, a rede ferroviária é consideravelmente mais antiga, mas tem um traçado relativamente distante ao centro administrativo e governativo, tornando-se menos apelativa e menos eficaz. Pese embora as três estações e os dois apeadeiros, esta foi uma ligação que não conseguiu ocasionar os impactos esperados dos quadros de vida das populações (Elsa Pacheco, 2016, p. 82), nem tão pouco substituir o transporte fluvial, da forma que poderia ter sido esperada.

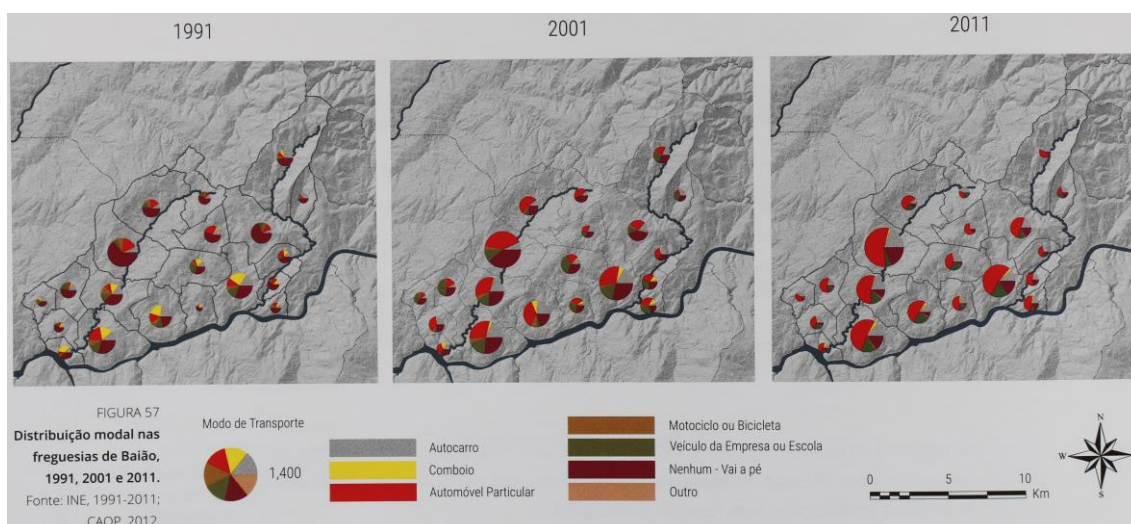
O nosso tempo tem um desafio no que respeita a esta realidade, uma vez que a linha do Douro constitui uma forte marca da paisagem. (Elsa Pacheco, 2016, p. 84). A promessa política de eletrificação da linha do Douro a partir 2020 abre uma *janela de oportunidade* com ligações que poderão permitir acarretar benefícios, quer ao nível externos, quer numa perspetiva interna. Ora, este rejuvenescer decorrente na

⁷ (Elsa Pacheco, 2016, p. 83)

necessidade de manter o serviço para as populações, mas também responder ao crescente número de turistas que visita o Douro património mundial da UNESCO, abre oportunidades e lança desafios sobre os territórios beneficiados. De acordo com (Pacheco E. , 2001), pode ocorrer que da parca ou inexistente presença de fatores territoriais capazes de fixar a população e as suas atividades, as renovadas condições de acessibilidade possam favorecer os fluxos de saída, em direção a áreas de maior dinamismo e com maior capacidade polarizadora. A mesma autora defende que a criação de infraestruturas não é por si só indutora de desenvolvimento, mas quando associadas a imaginação e a inovação às oportunidades criadas, pode conseguir-se, contribuindo para a diminuição das assimetrias, o que nas áreas de menor densidade, por norma, só aparece algum tempo após o investimento.

Chegar até Baião é, nos dias de hoje, efetivamente mais célere, reforçando o “*slogan*” utilizado pela Autarquia – “*Tão longe e Tão perto*”. Essa realidade realça ainda mais o sistema de acessibilidades dentro do território, considerando que a mobilidade intraconcelhia necessita ainda de responder de forma mais eficaz às necessidades de deslocação local. Em 2011, o uso do automóvel ocupa mais de metade das preferências dos baionenses o que, juntando-se aos transportes coletivos, define a quase totalidade da dinâmica de mobilidade, assente na rodovia (figura 6) (Elsa Pacheco, 2016, p. 92).

Figura 6 - Distribuição modal nas freguesias de Baião. 1991,2001 e 2011. Fonte INE, 1991-2011; CAOP, 2012.⁸



2.4. *Ativos e atrativos*

O concelho de Baião compreende um território riquíssimo em recursos naturais e culturais. Habitado desde a pré-história, Baião possui um vasto legado material e imaterial, fruto de uma interação e modelação mútua entre a natureza e o Homem. Devido a um múltiplo conjunto de fatores, foi um espaço algo “*marginal*” ao desenvolvimento ocorrido, nas últimas décadas, no demais distrito. Parecendo ter ficado “isolado” dentro dessa área administrativa, acabou por ver preservados estilos e formas de vida que a ocidente se foram modificando. Se, em tempos longínquos, a natureza impunha e determinava vários condicionalismos, a evolução tecnológica trouxe ao Homem ferramentas de adaptabilidade que lhe permitem vencer adversidades e consequentemente uma melhor exploração dos recursos. Esse trajeto histórico que forjou a “*alma dos locais*” está patente nas gentes e na terra e, em Baião, mostra uma

⁸ (Elsa Pacheco, 2016, p. 92)

ocupação humana muito próxima com a do passado. Num tempo em que 70% da população europeia vive em meio urbano, a noção de paisagem do quotidiano já não tem nada de idílico e o “*sonho de paisagem*” da maior parte das pessoas dirige-se espontaneamente para os sítios mais afastados de um quadro quotidiano já degradado e devastado pelas atividades (Walter, 2009, p. 49). Culminando o trabalho encetado na formação, conservação e valorização local desses elementos, pode-se vislumbrar um quadro onde a simbiose entre o bucólico e o romântico predominem na paisagem, suscitando a curiosidade e, conseqüentemente, a visita.

Em Baião, nos últimos anos, tem-se verificado um aumento no investimento relacionado com atividades e infraestruturas ligadas ao lazer e turismo. Alguns autores, numa visão integrada dos diversos recursos naturais e culturais, definem o território de Baião como uma “*paisagem multidisciplinar*” (Elsa Pacheco, 2016, p. 65). Efetivamente, o reconhecimento da importância do turismo para a região aparece fundamentado em diversos documentos governamentais como fator de desenvolvimento local capaz contribuir para a melhoria das condições de vida dos residentes, fixando a população e atraindo divisas essenciais à valorização dos locais e das suas gentes. Esta visão holística de progresso que tem vindo a ser implementada, tem elevado o nível médio de vida das gentes nas mais diversas áreas, entre as quais o turismo se insurge, mais recentemente, em destaque. O reconhecimento destas potencialidades endógenas do território culmina, em 2017, com a criação do site “*visitbaiao.pt*”, uma plataforma online na qual o Município procura aglutinar e organizar os seus recursos turísticos. Esse tem sido o caminho das políticas municipais “*através de uma estratégia assente na valorização das suas potencialidades, de forma que associa a inovação e empreendedorismo às tradições*” (Elsa Pacheco, 2016, p. 68).

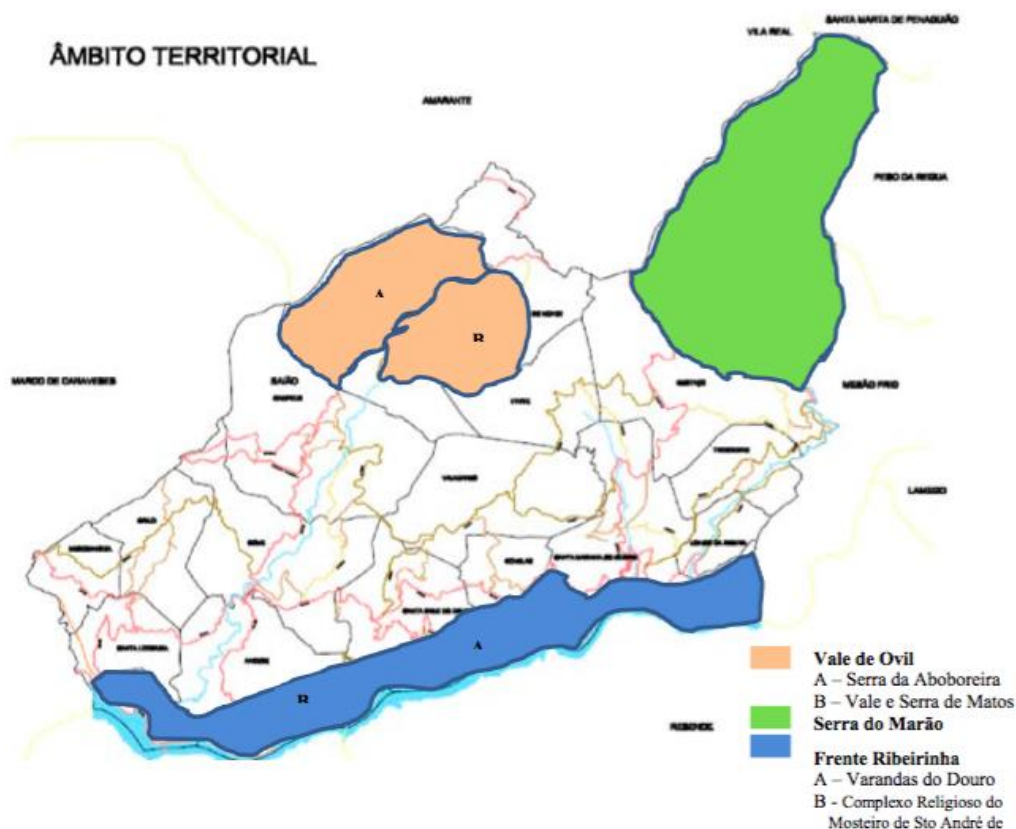
O Plano Estratégico Nacional do Turismo (Portugal T. , 2007) apontava para o desenvolvimento, alinhado com a proposta de valor para o destino Portugal, de ofertas distintivas e capitalizadoras das diferentes regiões. Considerando a localização de

Baião, no pólo Douro da região Norte, o concelho apresenta potencial em três produtos turísticos definidos no plano – “Touring Cultural e Paisagístico, Gastronomia e Vinhos e Turismo de Natureza” (Portugal E. R., 2015). Na generalidade, a paisagem pode constituir um instrumento de valorização territorial, potenciando o incentivo ao investimento de atividades inovadoras (Elsa Pacheco, 2016, p. 66).

Essa valorização territorial tem sido concretizada, em parte, com o apoio de instrumentos estratégicos criados para esse efeito. De destacar o instrumento de apoio ao desenvolvimento rural – PRODER – e o programa de dinamização dos territórios de baixa densidade – PROVERE. Este último criado no âmbito do Quadro de Referência Estratégico Nacional (QREN) que visa a “*dinamização de atividades inovadoras e alicerçadas, tais como recursos naturais, património histórico ou saberes tradicionais.*” (Elsa Pacheco, 2016, p. 69). Para a construção e execução desses projetos muito tem contribuído a Dolmen, entidade local gestora do subprograma 3 do PRODER (Baião C. M., 2012).

De acordo com (L. P. Martins, 2014, p. 6), “*da leitura da paisagem e das marcas registadas pelo capital humano ao longo de gerações, sobressaem três secções territoriais estruturante*”. O mesmo autor identificou três áreas que permitem organizar visitas estruturadas: 1) *Vale do Ovil* que subdivide em *Aboboreira* e *Vale e Castelo de Matos*, 2) *Serra do Marão* e 3) *Frente Ribeirinha* subdividida em *Varandas do Douro* e *Complexo Religioso de Santo André de Ancede* (figura 7). O estudo realizado por (Elsa Pacheco, 2016) vem reforçar essa ideia ao identificar quatro unidades e paisagens: 1) *Superfícies culminantes das serras da Aboboreira e Castelo*, 2) *Secção superior do rio Teixeira*, 3) *Vale do rio Ovil e rechãs da vertente oriental da Serra do Castelo* e 4) *Encostas do Douro*.

Figura 7 - Proposta de territórios turísticos no concelho de Baião na oferta turística.⁹



Segundo (L. P. Martins, 2014), a identificação destas secções territoriais tem por base a identificação dos recursos individuais e coletivos com potencial interesse turístico.

As experiências não devem ter mais de 15 a 20 minutos de distância entre elas. A ideia de proximidade é importante. Por isso, a ligação entre as secções territoriais que agrupam os ativos deve ser intercalada com algo mais prático. A relação espaço/tempo (deslocações) e a dinâmica da visita em cada umas das secções (observações /experimentações/contemplações) devem ser privilegiadas. A rede deve tentar ligar as secções, ao mesmo tempo que as valoriza e enriquece.

⁹ (L. P. Martins, 2014, p. 8)

O autor apresenta uma proposta onde relaciona as secções territoriais com os produtos a desenvolver e/ou implementar, conforme consta na tabela 1.

Tabela 1 - Territórios e produtos a desenvolver / implementar (síntese).¹⁰

TERRITÓRIO	VIDA NATURAL	HISTÓRIA	SABORES	OUTROS
Vale de Ovil	<ul style="list-style-type: none"> - Serra da Aboboreira - Serra de Matos - Carvalhal da Reixela - Rio Ovil 	<ul style="list-style-type: none"> - Conjunto megalítico da Aboboreira - Castelo de Matos - Aldeias de Outoreça, Matos, Almofrela e Telões. 	<ul style="list-style-type: none"> - Tasquinha do Fumo - Pensão Borges - Primavera - Mercado Biológico - Feira do Fumeiro e do Cozido - Feira do Anho Assado 	<ul style="list-style-type: none"> - Feira do Tijelinho - Festas de S. Bartolomeu
Subárea A: Serra da Aboboreira	Produtos a desenvolver: Área de Paisagem Protegida da Aboboreira, Património Megalítico da Aboboreira, Aldeias Típicas de Almofrela e Telões.			
Subárea B: Vale e Castelo de Matos	Produtos a desenvolver: Carvalhal da Reixela (Centro de Interpretação Ambiental da Reixela), ^[10] Aldeias Típicas de Matos e Outoreça, Rota do Pão (conjunto de moinhos e azenha entre Matos e Outoreça), O castelo de Matos, Trilho Interpretativo da Reixela, Praias Fluvial de Outoreça e Pranhô, Percurso ribeirinho do rio Ovil (Praia Fluvial de Outoreça ao Parque Verde)			
Serra do Marão	<ul style="list-style-type: none"> - Serra do Marão - Rio Teixeira - Habitat selvagem 	<ul style="list-style-type: none"> - Aldeia de Mafómedes 	<ul style="list-style-type: none"> - Doce da Teixeira 	
	Produtos a desenvolver: Aldeia de Mafomedes Aldeias de Xisto do Marão e Caminhos do Marão (transconcelhio e interregional), Rota dos Pastores, Praia de Mafomedes, Energia eólica (sensibilização ambiental).			
Frente Ribeirinha	<ul style="list-style-type: none"> - Rio Douro - Cais da Pala 	<ul style="list-style-type: none"> - Mosteiro de Ancede - Solares/Turismo de habitação - Caminho de Santiago - Românico (pontes) - Património paleocristão de Frende - Cestaria de Frende - Personalidades (Eça de Queiroz e Camilo Castelo Branco) 	<ul style="list-style-type: none"> - Laranja da Pala - Quinta da Ermida - Barriga Farta - Almocreve 	
Subárea A – Varandas do Douro	Produtos a desenvolver: Cais Pala, Roteiro de Barca, Venda das Caldas (Praia Fluvial, Zona de lazer), Rotas dos Solares, Património Paleo-cristão (Frende), Casa das Cestas (Frende).			
Subárea B – Complexo Religioso do Mosteiro de Sto. André de Ancede	Produtos a desenvolver: Mosteiro de Sto André de Ancede, Mosteiro de Ermelo, Centro de Interpretação da Vinha e do Vinho.			

¹⁰ (L. P. Martins, 2014, p. 10)

2.5. Artes, Ofícios, Tradições e Costumes

“Os velhos, como eu, quando fecham os olhos, enterram também tradições que os avós dos avós dos nossos avós nos ensinaram... e os costumes vão morrendo.”
(Mota, 2006, p. 9)

O território de Baião é rico em tradições, costumes, artes e ofícios. Esse conhecimento como que arquivado numa memória ininterrupta tem sido transmitido de geração em geração, constituindo-se um valioso património imaterial que caracteriza e identifica a região. No entanto, fruto da evolução tecnológica e da alteração dos padrões de vida, parte desse passado corre o risco de se perder, esquecido num tempo que parece passar cada vez mais rápido.

Verifica-se, particularmente desde a década de oitenta, um interesse e uma necessidade por parte do poder e associações de desenvolvimento locais em recuperar e documentar as memórias coletivas das gentes de Baião. Esse longo caminho de conservação deve ser traçado pelas diversas entidades locais. As pessoas devem ser envolvidas nesse desafio, valorizando-se o conhecimento no sentido da convergência de sinergia, apesar dessa tarefa não se poder cingir apenas às entidades oficiais (Baião C. M., 1997).

Neste sentido, foi editado, na década de oitenta, o Foral de Baião (Baião, 1989), documento fundamental para o conhecimento da história medieval das Terras de Baião. De acordo com (Azeredo, 1938), estes documentos teriam desaparecido do arquivo municipal, em 1911, devido a um incêndio. Essa edição conseguiu recuperar os documentos, de onde se pode concluir que os atuais limites concelhios são o resultado do antigo concelho de Baião, da Teixeira e do Couto de Ancede. A Carta de Couto de Ancede foi concedida por D. Afonso Henriques, enquanto o foral de Baião e da Teixeira foram concedidos por D. Manuel I, aquando da reforma nacional dos forais. Essa antiga

divisão é curiosamente coincidente com as secções territoriais apresentadas anteriormente, o que realça as especificidades e particularidades das diferentes unidades de paisagem que se refletem também em diferentes tradições, artes e costumes.

De certa forma, podemos relacionar determinadas características naturais das freguesias àquelas que são as suas peculiaridades culturais. Se é certo que o homem tenta modelar a natureza, certo é que a natureza condiciona a modelação do homem.

As referidas marcas identitárias dos lugares aparecem nas diferentes formas de recordação que vão desde documentos oficiais, estudos, literatura, fotografia ou vídeo, todos eles auxiliares dos saberes das gentes que têm na sua voz e no seu fazer a mais distinta forma de transmitir as memórias.

Na década de noventa, a necessidade de compreender e conhecer a herança cultural de Baião continuava a ser uma preocupação das entidades oficiais (Baião C. M., 1997).

À data, a Autarquia lançou uma publicação denominada *“Tradição e História”*, onde expõe todo um vasto património natural e sobretudo cultural, que pretende deixar como legado. Aí se faz referência aos bailes e cantares, aos músicos com as suas violas e os seus cavaquinhos. As danças de roda e o cantar à desgarrada estavam presentes em todas as freguesias, sendo uma tradição que ainda hoje se mantém.

As festividades têm como referência o São Bartolomeu, padroeiro do concelho, celebrado a 24 de agosto. Das celebrações relacionadas com esta festa realça-se a *“noite morta”* que ocorre a 22 de agosto, os *“Zés Pereiras”*, barraquinhas de cavacas e Biscoito da Teixeira, a cestaria típica de Frende, as Bengalas de Gestaçô ou o concurso de gado bovino de raça arouquesa. Os ranchos folclóricos marcam presença, não esquecendo a dança da criadagem conhecida como *“chula”*. Os sabores de Baião como

o arroz do forno, o anho assado, a vitela arouquesa em forno a lenha ou o arroz de favas com frango alourado são acompanhados pelo vinho verde, fotografia esta tão bem descrita por Eça de Queiroz, “*um vinho fresco, esperto, seivoso, e tendo mais alma, entrando mais na alma, que muito poema ou livro santo.*” (Queiroz, 1901, p. 215). Muitos destes pratos lembram o pastoreio levado a cabo na região norte do concelho. Os saberes tão bem narrados por António Mota estavam também dentro das casas onde se preparava a carne de porco e os fumeiros derivados, ou era feito o pão dos camponeses. As lides do campo e todo um dia-a-dia de trabalho da terra são descritos, de onde se realçam as diferentes refeições, pausas e rituais, muitas das vezes, realizados com e entre vizinhos. É explanado o ciclo do milho desde a plantação, a colheita, a desfolhada, a malha e o transporte até à técnica de fazer o pão. É, ainda, referido o ciclo do centeio assim como a técnica de fazer chapéus com recurso à referida palha. Não esquece o documento o fiar da lã, bem como a arte do linho. De realçar a alusão à existência da Casa do Pisão, local onde se preparavam tecidos de Burel ou Serguilha. A arte de entrelaçar os fios servia para responder às necessidades domésticas, sendo o tear elemento fundamental às mãos da tecedeira.

Existem outros elementos diferenciadores e identitários. É o caso do mosaico romano, cuja técnica, utilizando mosaico de cerâmica ou pedras policromadas, constitui um elemento “*verdadeiramente distintivo e único no território*” (Dolmen, 2015, p. 81). Podendo ser aplicado em peças decorativa é nos murais que apresenta a sua maior beleza e representatividade. O *Plano de Marketing Territorial do Tâmega e Sousa* destaca nos ativos naturais as três serras e os rios Ovil, Teixeira e Douro com os seus cais. Ao nível dos produtos regionais, destacam-se as Bengalas de Gestaço e as Cestas de Frende, enquanto que na gastronomia o Anho Assado com o Arroz de Forno, o Biscoito da Teixeira, o Fumeiro e a Laranja da Pala assumem destaque (Silva, 2014). Quando comparado com os produtos referidos na edição *Serra do Marão – Região de*

desapareceu. O trabalho da madeira é uma arte mantida nesta terra por um habitante local que utiliza uma técnica original, fazendo dele “o *artista do canivete*” (Pereira, 2014, p. 427). Muitas das obras retratam o trabalho agrícola, mas também se moldam cachimbos, bustos e estatuetas.

Na freguesia de Campelo, sobretudo agrícola, produzia-se milho, castanha e linho. É referida a existência de muitas vacas, cabras e ovelhas na serra da Aboboreira assim como abundância de caça. A tradição das oferendas na capela de S. Brás, em Almofrela, realiza-se nos dias 2 e 3 de fevereiro de cada ano. Esta era também uma terra de aficionados de tourada. Segundo (Gonçalves J. A., 2009), há notícias desta atividade desde 1891.

Na freguesia de Frende, a cestaria é uma referência, sendo uma arte que ainda hoje se mantém. Usando a giesta piorna como matéria prima, o recurso a estas peças tem vindo a diminuir, pelo que o seu fabrico, atualmente, se destina apenas a fins decorativos (Dolmen, 2015). A importância local é tal que o grupo folclórico dá pelo nome – As Cesteiras de Frende. Para além disso, “*cultiva-se atualmente nesta freguesia a oliveira e fabrica-se o azeite*” (Gonçalves J. A., 2009, p. 127).

A freguesia de Gestação é conhecida pela sua produção de bengalas e de vinho. De acordo com (Gonçalves J. A., 2009), esta freguesia possuía mais de nove moinhos de cereais e um de azeite. Na década de 1950, a freguesia reunia cerca de 70 almocreves, dos quais dois ainda estão vivos (Baião C. M., 2018). Por esse motivo, vai ser erguido um monumento evocativo a esta profissão, outrora tão importante para a economia do concelho. Aqui nasceu, em 14 de abril de 1909, o escritor Joaquim Soeiro Pereira Gomes. Gestação é um local com forte ligação às artes. Existia lá, no século XIX, uma Casa dos Instrumentos onde se consertavam violinos e cavaquinhos e, no início do século XX, mais concretamente em 1902, Alexandre Pinto terá montado, no lugar da Mó, a primeira oficina de bengalas (Correia, 1969). A 14 de agosto de 2007, foi

inaugurada a Casa das Bengalas, sensibilizando a população para que “*não deixem morrer a arte das bengalas*” (Baião C. M., 2012, p. 96). Tendo feito parte da indumentária de ilustres portugueses como Camilo Castelo Branco e Eça de Queiroz, têm hoje diferentes utilizações, sendo usadas nos trajes académicos, animando as queimas das fitas um pouco por todo o país (Dolmen, 2015). Em meados do século passado, era considerada “*industrial, pois aqui se fabricam bengalas e cabos de guarda-sóis que são exportados para todo o país*” (Pinto, 1949, p. 46), o que juntamente com a atividade de almocreve faziam desta freguesia a maior contribuidora ao nível de impostos nacionais (Baião C. M., 2018).

A freguesia do Grilo, naturalidade do escritor Visconde de Vila Moura, tem enraizadas tradições musicais designadas de cantaréus, nos quais “*a beleza magoada que envolve as coisas parece corporizar-se nos cantares do povo*” (Pinto, 1949, p. 107). Trata-se de um legado interpretado por mulheres como forma de acompanhamento do trabalho coletivo relacionado com as tarefas agrícolas (Gonçalves J. A., 2009). Os montes de Grilo já foram muito procurados para a prática de caça, devido à abundância de espécies (Pinto, 1949).

Loivos da Ribeira é uma freguesia com abundante produção de vinho e terra de muitos almocreves (Gonçalves J. A., 2009). A proximidade a Mesão Frio fez desta terra um local de passagem de mercadores e mercadorias.

Loivos do Monte é a freguesia onde nasce o rio Ovil, curso de água não navegável, mas com importância no suporte às atividades relacionadas com o setor primário (Baião C. M., Os Rios de Baião, 2000), com cerca de duas centenas de rodas de moinhos que se contavam em meados do século XVIII (Gonçalves J. A., 2009). Reconhecida por ser boa produtora de milho, milho e milho alvo, desta freguesia faz parte a aldeia de Telões, cuja capela dedicada a Santa Comba possui um altar lateral datado de 1758. As festividades celebram-se a 20 de julho e atraem muitos visitantes.

A freguesia de São João de Ovil apresenta, entre outras, tradições relacionadas com a tourada. Anualmente, é organizado um evento com base nesta memória, num curro de pedra existente na serra de Matos (Gonçalves J. A., 2009). Nesta freguesia de onde é natural o escritor António Mota é também de referência o Dólmen Chã de Parada, monumento nacional desde 1910. Local relatado por escritores como José Saramago, Teixeira de Pascoais ou Agustina Bessa Luís, é especialmente lembrado no dia 19 de maio, aquando da comemoração da noite dos museus, com a organização de visitas locais ao monumento onde se procura visualizar gravuras existentes, recriando técnicas de iluminação pré-histórica (Baião C. M., 2014).

Mais a sul, em Ribadouro, os costumes estão naturalmente relacionados com o rio Douro. O lugar de Porto Manso foi, em tempos, um porto de abrigo para os barcos, nomeadamente os rabelos. Partes daquele local, onde as águas seriam mais calmas, ficaram submersas com a construção da barragem de Carrapatelo, mergulhada nas águas que formam a grande albufeira na zona da Pala (Gonçalves J. A., 2009). Era uma área de *“laranjeiras e mais árvores de fruto”, “ninho de barqueiros (...) que vivem do rio e para o rio, numa tradição que se não quebra”* (Redol, 1946). A qualidade das laranjas da Pala é tal que as gentes locais afirmavam que *“não há fruta doce como a que ouve a espadela”* (Pinto, 1949, p. 33), numa alusão ao som do leme dos barcos rabelos a cortar as águas na proximidade ao rio Douro.

Santa Cruz do Douro é uma freguesia onde a produção de vinho e azeite, assim como de milho e centeio, tem uma expressão significativa (Gonçalves J. A., 2009). Local de inspiração para escritores como Camilo Castelo Branco e Eça de Queiroz, este último faz n' *“A Cidade e as Serras”* uma boa descrição do que são as suas tradições gastronómicas e riquezas naturais. A Fundação Eça de Queiroz e o Museu Rural e Etnográfico – Casa do Lavrador – são dois importantes esteios na conservação e preservação do espólio cultural das gentes locais. O último, inaugurado em 1999, retrata

fielmente a casa do camponês e o dia-a-dia do lavrador dos séculos XIX e inícios do século XX.

Santa Leocádia é para alguns historiadores o local onde nasceu Baião. Nesta freguesia, nasceu António P. M. Carvalho de Magalhães, importante advogado cuja atividade abarcou temas como a regulamentação dos vinhos verdes (Gonçalves J. A., 2009).

Santa Marinha do Zêzere compreende uma zona rica na produção de vinho verde, milho, trigo, alguns citrinos e bastante castanha (Gonçalves J. A., 2009). Ao nível agrícola, tratava-se de uma das freguesias com maior variedade de produtos. Existiam 23 moinhos ao longo dos rios Zêzere e Patacão. O rio Douro era fértil em peixe como a lampreia, sável, enguias, trutas ou barbos, possuindo, antes da subida do rio, seis pontos ou escolhos.

São Tomé de Covelas, também banhada pelo rio Douro, foi marcada pelo transporte de mercadorias ao longo do rio. No lugar de Mirão, existia uma passagem fluvial que ainda hoje existe. A pesca e a agricultura eram produtivas, de onde se realçava a produção de vinho e azeite.

A freguesia da Teixeira é a maior do concelho e deve o seu nome à abundância local de teixo, um pequeno arbusto (Gonçalves J. A., 2009). O Pelourinho que a freguesia ostenta remete-nos para os tempos em que foi concelho com Carta de Foral concedido pelo Rei D. Manuel I. Em 1837, passou a constituir uma freguesia de Baião. Ao longo do rio Teixeira, existiram 23 moinhos. A vivência comunitária refletia-se no tratamento do gado, particularmente caprino. Um único pastor, rotativamente, subia a serra do Marão para levar a pastar as centenas de cabeças dos rebanhos de diferentes pastores. Referido pelo escritor Camilo Castelo Branco, em diferentes obras, como o lugar dos Padrões da Teixeira, possui um monumento com uma inscrição onde pode ler-se *“Por aqui não passaram”*, uma alusão às invasões francesas que aqui tiveram

resistência. No alto da serra, está a ermida da Nossa Senhora do Marão. Inspiradora de músicas tradicionais populares, é alvo de rituais religiosos e profanos que ainda hoje se cumprem. Ao nível da gastronomia popular, de realçar o fabrico do Biscoito da Teixeira, originário do lugar da Ordem e cuja venda é notícia desde agosto de 1913 (Gonçalves J. A., 2009). Esse *“doce genuinamente baionense, que as criadas (...) nos trazem da romaria, doce delicioso a saber aos limões dos nossos pomares, rude, sincero, que é e ao qual não correspondemos com igual sinceridade – pois não o servimos às visitas (...), mas com o qual nos regalamos em família no nosso chazinho da tarde”* (Pinto, 1949, p. 124).

Em Teixeiró, a produção de milho, trigo e centeio, assim como a criação de cordeiros, leitões e cabritos eram típicos do seu povo.

As terras de Tresouras, ricas na produção de castanha, milho, trigo e vinho, tinham fraca produção animal, apenas para uso na agricultura (Gonçalves J. A., 2009). A mina de estanho existente em tempos era chamada de Vale da Vinha. Esta freguesia seria local de passagem de peregrinos com destino a Santiago de Compostela.

A freguesia de Valadares, situada no centro do concelho de Baião, apresentava como atividade produtiva, quase exclusiva, a agricultura. Era o local onde frequentemente se avistavam lobos, possuindo um curro para a realização de touradas à vara larga. Seria aqui, onde no século XVI, estava localizada a forca de Baião. A existência de um poço cavado na rocha, remete-nos para a curtição de peles naquele local (Gonçalves J. A., 2009).

Viariz é local de cereais, castanha e vinho e onde existiu uma mina de urânio (Gonçalves J. A., 2009).

Numa visão regional e supramunicipal, a Dolmen – Entidade de Desenvolvimento Local e Regional –, realça ao nível da gastronomia *“o anho assado com arroz do forno*

e o cozido à portuguesa, com vinho único no mundo: o vinho da casta Avesso.” (Dolmen, 2015, p. 13). Mas vai mais além, referindo a “*Fundação Eça de Queiroz, o convento de Ancede, as belas igrejas e ermidas, os vestígios de calçadas romanas e das variantes dos Caminhos de Santiago, as aldeias típicas, os laranjais da Pala, as bengalas de Gestaçô, as cestas de piorna, os painéis e peças decorativas em mosaico cerâmico e de pedras naturais*” como sendo os principais motivos para visitar Baião (Dolmen, 2015, p. 13).

Reconhecido este espólio, importa saber e tentar compreender de que forma é que está a ser transmitido às novas gerações, bem como quais as estratégias de inovação usadas de forma a ir ao encontro daquilo que são os novos perfis de turista.

O Município de Baião possui um museu municipal dividido em três espaços. No núcleo arqueológico, estão expostos os objetos mais significativos dos principais períodos cronológicos. No núcleo etnográfico, é possível conhecer os vários objetos tradicionais relacionados com os trabalhos agrícolas, o trabalho do linho e a confeção do pão. No centro interpretativo da vinha e do vinho, o visitante poderá ficar a conhecer um pouco melhor a produção vinhateira da região, atividade com forte ligação ao mosteiro de Santo André de Ancede, local onde está localizado. As atividades referidas têm uma forte ligação à ruralidade, à comunidade aldeã e ao trabalho artesanal. Nesse sentido, é importante que o contexto onde essas mesmas atividades se desenvolvem seja consonante com o espaço onde as mesmas se desenvolveram em tempos.

A Dolmen faz referência a um espaço de natural excelência para a conservação, promoção e adaptação desses saberes às exigências do setor do turismo e do mercado em geral – a Aldeia. “*Outrora unidade territorial de grande valor social, económico, cultural e antropológico, a “aldeia”, fruto do paradigma da modernidade, constitui um espaço de convívio rural, cuja reinvenção se impõe.*” (Dolmen, 2015, p. 69). As comunidades de aldeia eram caracterizadas pela exploração familiar de pequenas

parcelas de terreno agrícola e pela utilização coletiva de determinadas estruturas produtivas como a eira, o moinho, o forno comunitário, o boi cobridor e os terrenos comuns de pastagem (Baião C. M., 1997). Seguindo este fio condutor, Baião possui duas aldeias inseridas no conceito de Aldeias de Portugal: Porto Manso e Almofrela.

De realçar o facto de Mafómedes, aldeia pertencente à freguesia da Teixeira não pertencer à referida rede, pese embora o reconhecimento da sua importância local por parte do Município, ao investir, em 2013, na criação da *Casa da Comunidade e de Apoio à Observação da Natureza*. Faz parte de uma rede de albergues para Turismo de Natureza que a Autarquia reforçou com a criação do *Aconchego e Memórias* na aldeia de Porto Manso e que ficará concluída com uma unidade na aldeia de Almofrela (Baião C. M., 2014).

Neste sentido, o livro *“Outros Tempos”* do escritor baionense António Mota, representa uma coleção de memórias onde se *“representam histórias de um mundo rural cada vez mais perdido na memória coletiva das gerações atuais”*. A obra contou com o apoio e reconhecimento da autarquia, sendo inserido numa *“estratégia de valorização dos usos e costumes tradicionais”* (Baião C. M., 2012, p. 114). Na obra são narrados e ilustrados rituais, tradições e costumes de Baião, a vida na aldeia, entre os quais se destacam as tradições ligadas à gastronomia como o anho assado, o arroz de cabidela e a matança do porco, tão enraizadas na região. Os dois primeiros pratos estavam bastante associados a festividades como os casamentos, enquanto o último seria uma tradição mais sazonal, ocorrendo entre o outono e o inverno (Mota, 2006). Também os bailes são referidos, importantes momentos de socialização, sendo um dos rituais onde o enamoramento se podia iniciar. No chamado baile de cordas, considerado chique à data, dançava-se a chula ao som dos cavaquinhos, rabecas ou violas amarantinas. As modas, essas eram trazidas por quem ia às vindimas no Douro.

Curiosamente, a revisão da literatura realizada sobre as tradições e os costumes de Baião aflora nessa temática de forma análoga à dicotomia encontrada na paisagem.

3. O Mundo Rural – Baião

“O casal rural isolado integra quase sempre a propriedade agrícola, provocando um cenário de povoamento disperso sempre que a morfologia do terreno assim o permite. De resto, estabeleceram-se alguns aglomerados rurais de pequena dimensão, especialmente nas terras altas, onde o sentimento comunitário e de entreajuda nos trabalhos agrícolas ainda vai prevalecendo” (Leitão, 2011, p. 55). Estas são algumas das características de um território inserido no designado mundo rural.

De acordo com (Baptista, 2001), a paisagem rural e as suas comunidades evoluíram ao longo dos séculos tendo, em meados do século XX, atingido o auge da sua expressão e representatividade. A sociedade rural compreendia, nas vilas e aldeias, a maioria do seu enquadramento demográfico, onde parte significativa da população se dedicava às tarefas agrícolas, aproveitando todo o espaço produtivo. À data, a comunidade rural, a agricultura e o espaço desenvolviam-se num sentido convergente. Mas essa forma de coabitação e harmonia espaço-social sofreu sérias transformações marcadas por determinantes alterações sociais.

O bucólico é hoje uma conceção aparentemente distante e perdida no tempo, permanecendo nas memórias de quem o viveu e no imaginário de quem o procura.

O declínio iniciado na segunda metade do século XX deveu-se a profundas modificações verificadas ao nível do território nacional caracterizadas por profundas alterações na relação entre a agricultura, a floresta, o espaço rural e os seus povoados (Leitão, 2011).

O território de Baião não foi exceção àquela que parecia ser a demanda social. As alterações referidas abalaram raízes, em tempos, esteios da identidade local. Parece restar pouco desses tempos não longínquos, que as acessibilidades e as tecnologias de informação e comunicação aparentam, por vezes, distanciar. A evolução tem e deve ser feita numa visão do que será o futuro, porém sem esquecer nem abandonar os pilares onde se ancorou o seu passado.

De acordo com (Leitão, 2011), a produção agrícola da região de Baião depende essencialmente das culturas hortícolas nas imediações de casas, das vinhas e dos pomares de fruta, em particular da laranja e do olival. A pecuária, com o objetivo de auxiliar no trabalho, diminuiu ao longo das últimas décadas de forma significativa, restando algum pastoreio adstrito às terras altas localizadas no nordeste do concelho.

Vislumbra-se um desafio a este tipo de territórios que pode constituir uma oportunidade de continuidade para os mesmos. Uma tarefa que apela à criatividade e à audácia de modificar e atualizar o passado, sem entrar em rutura completa com o mesmo. *“Para o futuro do mundo rural, deseja-se que seja implementado um sistema de políticas coerentes e integradas, com o objetivo de modernizar sustentavelmente, beneficiando de igual forma as componentes ecológica, social e económica da paisagem”* (Leitão, 2011, p. 80).

Estamos, pois, perante uma mudança de paradigma onde a sustentabilidade dos povoamentos rurais só será possível se estes forem integrados num mosaico agro-silvo-pastoril, cujas explorações agrícolas e pecuárias sejam viáveis. A produção e os modos de vida dos locais devem ser conservados e fomentados, uma vez que ajudam a minimizar os desperdícios e os níveis de consumo energéticos. Desta forma, o incentivo à atividade agrícola e à criação de gado deve passar por uma remuneração adequada. Os serviços diretos e indiretos que fornecem à comunidade contribuem para valorizar a paisagem cultural e incrementam a produção e o comércio locais (Cabral, 2006).

“A construção e a gestão do mosaico agro-silvo-pastoril só é possível com a presença do homem na paisagem. Consequentemente, considera-se fundamental o combate ao envelhecimento, à desqualificação e à diminuição da qualidade de vida nas zonas rurais.” (Leitão, 2011, p. 78).

Segundo (Rodrigues, 2012), o conceito de turismo rural compreende a recuperação de uma determinada região, através da reabilitação das casas locais, mas também dos seus costumes e tradições. Desta forma, o conceito do turismo rural, assim como os princípios que movem os seus praticantes, fundamenta-se na procura da identidade que define determinado povo, na experimentação das suas tradições, na partilha dos seus hábitos e costumes, assim como das suas experiências de vida quotidianas.

4. Imagem do destino

O conceito de posicionamento surge em 1972 por Ries e Trout (Carneiro, 2007). Relacionado inicialmente com o marketing, os autores consideraram o posicionamento como uma nova abordagem à comunicação, cuja finalidade é definir uma posição de valor junto dos mercados-alvo. Desta forma, está relacionado com o que induz (promove) na mente dos consumidores e não com o que se faz ao produto, contribuindo para o processo de posicionamento do produto na mente dos consumidores. Parece óbvia a relação existente entre posicionamento e o conceito de imagem de destino. De acordo com (Marino, 2008), existem três fases distintas na elaboração da imagem do destino: a percepção *a priori*, relacionada com a construção mental que o turista formula antes de visitar efetivamente o destino; a percepção *in situ*, que corresponde à comparação entre a imagem do destino e a experiência turística vivenciada no destino

real; a percepção *a posteriori*, que consiste nas recordações guardadas do destino e da experiência turística que constituem memórias a ser lembradas a qualquer momento. Isto significa que a experiência turística se pode prolongar para além do final da viagem.

A informação adquirida para a formulação da imagem do destino pode, segundo (Gunn Clare, 2002), ser oriunda de dois diferentes níveis. No nível orgânico, a informação é proveniente de fontes “*informais*” como sejam a comunicação generalista, locais de ensino, amigos ou familiares. Ao nível induzido, a informação é oriunda dos agentes de promoção e comercialização direta e indiretamente relacionados com o destino.

Desta forma, de acordo com (Asunciòn Beerli, 2004), podemos considerar que a imagem do destino formulada pelo indivíduo resulta das experiências turísticas anteriores, do grau de familiaridade relativamente ao destino, da origem geográfica, social e cultural do turista e, mais importante, das expetativas quanto ao destino.

Neste sentido, a Autarquia de Baião realizou um inquérito, em outubro de 2010, sobre a “*Imagem e Notoriedade*” do concelho. O estudo aplicado à população residente nos concelhos do Distrito do Porto, abrangeu ainda Cinfães, Resende e Mesão Frio. Os resultados referem que o principal motivo para visitar o Município é “*passar*” e reconhecem como principais elementos distintivos a “*natureza, paisagem e beleza*” seguidos da “*ruralidade e interioridade*”. Quando analisadas as primeiras palavras associadas ao concelho, é de salientar que para os residentes na Área Metropolitana do Porto a noção de “*aldeia/ruralidade*” apareça em terceira posição, atrás do “*vinho*” e da “*beleza/natureza*”. É de registar, para a mesma população e pergunta, a parca associação feita às “*feiras e festas*” ou ao “*artesanato*” que aparecem como uma das palavras com menor percentagem no “*top of mind*”. De acordo com o referido anteriormente, devemos analisar os dados levando em linha de conta o facto de mais de sessenta por cento dos inquiridos já terem visitado Baião.

Daqui resulta um desafio e uma importância cada vez maior das Organizações de Gestão dos Destinos que possuem nas tecnologias de informação e comunicação uma ferramenta cada vez mais central na cooperação entre os diferentes agentes locais, públicos e privados, na sua conexão a outros agentes externos por forma a fomentar a um desenvolvimento sustentável, competitivo e que promova a coesão territorial. Desta forma, (Larry Dwyer, 2003) defendem que um determinado destino para ser mais competitivo no setor do turismo, deve trabalhar no sentido superar a oferta dos destinos concorrentes ao nível da atratividade geral, mas também das experiências turísticas que oferece. Para isso é fundamental a cooperação público-privada e o envolvimento da população local. Os mesmos autores destacam duas componentes da competitividade que merecem uma análise cuidada: *vantagens comparativas* referentes aos recursos endógenos ou herdados, tais como a paisagem, o clima, a fauna; *vantagens competitivas* relacionadas com a ação do homem. Os destinos turísticos para manter ou melhorarem a competitividade devem garantir o desenvolvimento de produtos turísticos que acompanhem as preferências dos consumidores (Larry Dwyer, 2003).

O papel central das pessoas locais em todo o processo, não só pelo saber-fazer utilizado muitas vezes como estratégia de marketing e fator identitário, mas também contribuindo para uma competitividade sustentável. Essa sustentabilidade almejada deve considerar, para além do fator social, ambiental e económico, o fator político, visto o seu papel catalisador e decisor.

5. Características do Turista de Baião

Se por um lado é importante aos diversos agentes que planeiam e gerem os destinos turísticos reconhecer os motivos que possuem e apelam à procura, por outro parece fundamental entenderem a envolvente e o contexto onde se enquadram. Dessa forma, poderão ser mais eficazes na ação sobre o que parece ser o elemento cada vez mais fulcral da atividade turística – a motivação. O foco cada vez maior nos interesses e nos fatores da procura, fruto de uma focalização no cliente – turista, impulsionam estudos que procuram aprofundar e enquadrar a temática. A relação entre o perfil turista e a escolha tem gerado algumas teorias na tentativa de acompanhar a evolução que se tem verificado no setor do turismo. A emergência de um “*novo turista*”, modelado pelas alterações sociais, políticas e económicas e pelo desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação, tem impulsionado ajustes ao nível da oferta turística. Quando se fala em novas formas de turismo, está-se forçosamente a deduzir um processo de inovação. Esse processo pode ter na base a criação de novos produtos, mas também pode servir-se de elementos já existentes, ajustando-os e adaptando-os àquelas que são as tendências da procura turística.

O novo turista, mais sensível à cultura local, interessa-se por questões ambientais e é motivado para a aprendizagem e procura a autorrealização em experiências desafiantes, autênticas e com significado.

No estudo realizado por (Gomes, 2017) com o objetivo de definir o perfil do turista em Baião, os resultados apontam para que 51% dos visitantes tenham mais de 50 anos e 41% esteja entre os 37 e os 49 anos, sendo que 82% dos inquiridos tinham nacionalidade portuguesa. Cerca de metade (47%) tem o ensino superior. Quando questionados sobre os aspetos que motivaram a sua visita a Baião, a autenticidade e tradição aparecem como principal motivo, seguido da gastronomia e da

paisagem/estado natural. De acordo com 39%, a primeira informação do local foi obtida por sugestão de uma pessoa amiga e 88% dos questionados pretende voltar. Quando questionados sobre o que gostavam de encontrar mais ou de diferente numa outra visita ao concelho, a resposta a melhores acessibilidades foi seguida da sugestão de construções mais adequadas ao contexto.

Alguns dos dados anteriores vão de encontro ao estudo realizado pela (Alliance, 2013) sobre “*O Perfil do Turista no Território Douro Alliance – Eixo Urbano do Douro*”, reportando a realidade dos concelhos de Vila Real, Peso da Régua e Lamego, tendo como período de análise o segundo semestre de 2013.

Nesse estudo, os resultados apontavam Portugal como país de residência (39,8%). Quanto à idade, existe uma predominância na classe etária dos 50-65 anos, representando 38% do total de respostas. Quanto à origem da visita, esta é feita através da internet (54,3%) e email (12,4%). Dos inquiridos, 85% dos respondentes afirmou não ter permanecido mais do que três dias no território, sendo, por outro lado, mínima a percentagem de turistas que referiram ter permanecido mais que 8 dias (6,7%). O principal motivo para visitar o território foi férias/lazer (85,6%), seguindo-se os negócios/motivos profissionais. O Património Histórico (23,5%), Clima (14,3%) e Gastronomia (12,6%) foram as opções mais apontadas pelos turistas enquanto fatores também eles influenciadores da visita ao território. Verifica-se que grande parte dos inquiridos (49,3%) referem auferir rendimentos brutos mensais entre 1000€ e 2999€, mantendo-se a tendência de 2011. A maioria está satisfeita ou muito satisfeita com as qualidades e competências que o território tem para oferecer, demonstrando vontade em regressar nos próximos dois anos, pelo que afirma recomendar muito o destino e, conseqüentemente, fazer muitos comentários positivos acerca do mesmo.

6. Cidade, Criatividade e Redes

Em 2004, a UNESCO criou a Rede de Cidades Criativas na procura de desenvolver uma cooperação internacional entre cidades que viam na criatividade um fator estratégico para o desenvolvimento sustentável. Entendendo as cidades como os locais onde a criatividade e a cultura se fundem em prol de um desenvolvimento social e económico que contribui para a diversidade cultural, a rede alinha as indústrias culturais em sete grandes eixos – literatura, música, cinema, artesanato e arte regional, artes mediáticas, design e gastronomia (UNESCO, 2008).

As primeiras cidades portuguesas a aderir à rede foram Idanha-a-Nova, como Cidade Criativa da Música e Óbidos como Cidade Criativa de Literatura. Mais recentemente, em 2017, foram incluídas na respetiva rede as cidades de Amarante como Cidade Criativa da Música, Barcelos como cidade Criativa do Artesanato e Artes Populares e Braga como Cidade Criativa das Artes e Media (Estrangeiros, 2017). Esta rede internacional, cujo objetivo é fortalecer a produção, criação, distribuição e fruição de produtos e os serviços de índole cultural, almeja integrar essas indústrias culturais e criativas em planos de desenvolvimento local que integrem, por sua vez, grupos sociais de maior fragilidade como as mulheres e os jovens.

Uma maior participação nas atividades culturais também pode contribuir para uma maior convergência intergeracional, uma vez que o património em causa é transmitido de geração em geração.

No território nacional, alinhada com a visão da UNESCO, foi criada em 2008 a Rede de Cidades Criativas. A rede foi apresentada oficialmente em 2009, em Lisboa, com a participação dos municípios de Óbidos, Guimarães, Montemor-o-Novo, Montemor-o-Velho e Portalegre. O projeto foi-se desenvolvendo e, em 2016, o Município do Fundão liderou a criação de um Programa Estratégico da Rede de Cidades Criativas

que foi apresentado na vila de Óbidos. Atualmente, a rede é composta por 14 municípios portugueses de pequena e média dimensão e visa a experimentação de um sistema de políticas públicas de inovação e criatividade aplicadas à escala municipal. O programa desenvolvido numa lógica de estratégia/ação ambiciosa, para além da identificação das áreas temáticas, difundir entre os parceiros, exemplos de boas práticas promotoras de um desenvolvimento local. (Criativas, 2016).

O trabalho em rede permite uma convergência de sinergias e uma uniformização dos serviços/produtos, o que facilita uma definição clara das expectativas. Dessa forma, consegue-se uma maior clareza na segmentação e um alinhamento mais preciso da comunicação e do marketing.

A Rede de Aldeias de Portugal foi o corolário de um serviço em prol da conservação, valorização e promoção dos valores da Aldeia que foi desenvolvido pela Associação de Turismo de Aldeia. O projeto ambiciona um novo conceito de turismo rural, tendo desenvolvido, para o efeito, um Manual de Boas Práticas com o objetivo de apoiar os diferentes agentes envolvidos no planeamento, implementação e gestão de projetos inseridos no mundo rural (Aldeia, 2005). Neste momento, são 83 as aldeias onde se procura reforçar a identidade local e em paralelo fixar e rejuvenescer a população, em parceria com as Associações de Desenvolvimento Local, nomeadamente a Dolmen, entidade que cobre a região onde se insere Baião.

O projeto das Aldeias de Xisto é um bom exemplo de trabalho em rede à escala regional. Em 2005, a preceder a criação da marca Aldeias de Xisto e da Agência para o Desenvolvimento Turístico das Aldeias de Xisto estiveram cinco anos de intervenções físicas no sentido da recuperação patrimonial das aldeias, um período que permitiu a criação de redes e o aprofundamento da confiança entre os intervenientes. A criação da marca contribuiu para definir a identidade da região definida, numa espécie de marca chapéu do território que pretende promover e desenvolver ao nível social e económico

(Bruno Alexandre Cipriano Rapaz Ramos, 2014). O projeto direcionou-se aos dois tipos de consumidores, internos e externos, definindo uma estratégia de marketing territorial capaz de criar satisfação nos residentes e vontade de visitar nos consumidores.

Da revisão da literatura, podemos verificar a existência de redes à escala nacional e regional. É disso exemplo a rede existente na serra da Estrela gerida por uma entidade sem fins lucrativos, a Associação para o Desenvolvimento Integrado da Rede de Aldeias de Montanha, que gere e promove a marca Aldeias de Montanha. (CENTRO, 2018). A Rede das Aldeias Vinhateiras de Portugal é outro bom exemplo de um projeto direcionado a aldeias e/ou vilas dos municípios associados da Associação de Municípios Portugueses do Vinho que encontra no enoturismo o elemento revitalizador e promotor de um desenvolvimento socioeconómico sustentável (Pacheco A. , 2016).

7. Nova Museologia

A museologia enquanto ciência surgiu no século XX, devido à investigação e evolução registadas em torno do conceito de museu, museologia e museografia (Antas, 2013).

De acordo com (Duarte, 2013), as movimentações que lançaram o conceito de Nova Museologia foram iniciadas na década de sessenta, em Paris. Principiada espontaneamente por um grupo de profissionais de museus, alargou-se rapidamente aos estudantes. Ao mesmo tempo, um pouco por toda a Europa, o número de visitantes dos museus decaía e, nos Estados Unidos da América, os artistas organizavam-se para rejeitar a arte e os museus. O ideal de democratização cultural que se vivia, colocava um desafio à instituição: o de se reinventar como um instrumento de aprendizagem e animação cultural em estreita articulação com as pessoas.

Da mesa redonda realizada em Santiago do Chile em 1972, no âmbito de um seminário regional promovido pela UNESCO, emana uma declaração onde aparece o conceito de Museu Integral. A instituição renovou-se por duas linhas distintas que provocaram uma transformação daquele espaço. O museu passa a ser visto como um instrumento de metamorfose social para um desenvolvimento sustentável, devendo, para isso, assumir-se como um agente de desenvolvimento local capaz de integrar a comunidade (Antas, 2013).

Em ambos os casos, é de realçar a importância que os museus etnográficos e a antropologia assumiram na mudança de paradigma que culminou nos anos oitenta com o aparecimento da Nova Museologia. Este novo conceito apresenta duas vertentes principais: a francófona e a anglo-saxónica, duas linhas que acabaram por convergir para um único movimento renovador que marca a instituição museológica do final do século XX e início do século XXI (Duarte, 2013).

A interpretação antropológica surge relacionada com a perspetiva interpretativa, partindo do princípio de que nenhuma exposição é neutra pelo que o ordenamento dos objetos no museu pressupõe uma estratégia e uma narrativa expositiva com significados construídos e comunicados que importa analisar ao nível ideológico, político e ético. O museu passa a ser observado como *“uma instituição social que produz sistemas de significados e os comunica publicamente”* (Duarte, 2013, p. 107), onde as construções de valor e os discursos narrativos pouco têm de intemporais ou absolutos, uma vez que compreendem sempre a existência de lutas de poder. Os museus etnográficos, ao exporem objetos do quotidiano, alargam a noção de objeto de museu, uma vez que não se enquadram no conceito tradicional de obra de arte.

É neste novo contexto que surgem os Novos Museus nos quais a região se sobrepõe ao edifício, o património regional à coleção e onde uma comunidade regional participativa emerge de um público consumidor (Teixeira, 2005). A definição de museu

sofreu alterações nas últimas décadas pelo que deixou de ser um fim em si mesmo para passar a assumir-se como um espaço ao serviço da sociedade.

Na Nova Museologia, o museu deveria estar focado nos visitantes a quem ensina algo, pelo que teria de trabalhar a perceção dos objetos no seu ambiente humano. É neste contexto que surge uma proposta inovadora de outro tipo de museus e da qual fazem parte o ecomuseu e/ou o museu da comunidade. O termo ecomuseu surge publicamente em 1971, no contexto da IX Conferência Geral de Museus do Internacional Council of Museums, realizada em Grenoble, onde se discutiram as funções dos museus ao serviço do homem (Duarte, 2013). De salientar que a museologia ativa engloba um movimento museológico abrangente, para além dos dois acima referidos e onde se inserem o museu de vizinhança e o museu local.

Assim, surge o ecomuseu, conceito evolutivo integrado na noção de Museu Integral que almeja ser *“um espelho onde a população se contempla, para nele se reconhecer, onde ela procura a explicação do território a que está ligado, juntamente com a das populações que a precederam, da descontinuidade ou continuidade das gerações. Um espelho que a população mostra aos seus hóspedes para que eles a compreendam melhor, no respeito pelo seu trabalho, pelo seu comportamento, pela sua intimidade”* (Rivière, 1989, p. 142). Este autor realizou um trabalho pioneiro nesta temática de onde se destaca a reconstituição realista de cenários, as *“unidades ecológicas”*, que recriavam um certo contexto social onde inseria e fazia reviver os objetos em exposição.

Em Portugal, existem alguns bons exemplos deste novo conceito museológico que gera diferentes designações tais como ecomuseu, vila museu, museu polinucleado, museu multipolar, museu da região ou museu de aldeia. Todos têm em comum o facto de aglutinarem muito para além do edifício e das coleções. O Ecomuseu de Mértola, o Ecomuseu de Rates, o Ecomuseu Municipal do Seixal, o Ecomuseu Tradições do Xisto,

o Ecomuseu do Barroso ou o Museu da Cidade de Aveiro são bons exemplos do que se tem feito, em Portugal, nesta matéria. Todos são bons exemplos de unidades museológicas polinucleares, abrangendo um território definido e que pode corresponder a uma freguesia, a um município ou a uma região e onde a interação e participação da comunidade contribuem para uma conservação dinâmica do património. Em todos, há um objetivo comum de desenvolvimento global da região, através de uma rede de valorização das gentes e do património natural e cultural, visando a sustentabilidade local.

Proposta

“As características que asseguravam o caráter de uma determinada paisagem foram desaparecendo progressivamente, numa tendência geral para a simplificação e homogeneização das paisagens e para a perda das suas características intrínsecas”, porém, “ao mesmo tempo que o caráter de cada paisagem se vai desvanecendo, vai aumentando o interesse e a procura da paisagem rural por outros utilizadores que não a comunidade que nela vive ou viveu” (Correia T. P., 2004).

Pela revisão da literatura, podemos perceber que Baião apresenta um elevado potencial cultural, cujo valor desperta vontades e despoleta questões que se prendem com uma exploração sustentável. Parece-nos, pois, que o futuro passará pela continuidade da recuperação e conservação das raízes culturais diferenciadoras e distintivas no sentido de um vinco identitário que, beneficiando as gentes locais, se adapte às tendências e demandas de novos estilos de vida e/ou locais para conhecer. Um planeamento assente no passado pode lançar esteios futuros mais sólidos e capazes de ancorar caminhos de coesão territorial e social que procurem a prosperidade da autenticidade no contexto, no espaço e no tempo. Apesar de irremediáveis perdas no testemunho de costumes e tradições entre gerações, sobretudo nas últimas décadas, julgamos fundamental uma viragem dessa tendência. O turismo como resultado de um desenvolvimento suportado na qualidade de vida dos residentes pode ser o elemento catalisador da sustentabilidade desejada.

Num momento em muitos territórios procuram encontrar o seu *“tema fetiche”*, consideramos que esta organização holística dos recursos pode lançar as bases para essa descoberta em Baião.

“Para aqueles que já não possuem nem território nem identidade social própria, a única possibilidade que continua aberta é a reconstrução de “raízes”, de um espaço

compensatório fictício no passado, uma pseudo-utopia, numa tentativa de aí recriarem artificialmente as diferenças que o presente já não tolera. O passado, como a ecologia, torna-se um valor-refúgio.” (Guillaume, 2003, p. 41) Para muitos territórios, a ruralidade tem sido o alicerce, o “*valor-refúgio*” para a recuperação de raízes e identidade.

Do estado da arte, podemos aferir a vocação rural de Baião num enquadramento harmonioso com a sua predisposição natural. Apesar da acentuada diminuição das atividades relacionadas com o setor primário, motivando o abandono das terras por alterações dos estilos de vida e pelo envelhecimento da população, consideramos que uma das vantagens competitivas do território poderá estar precisamente na recuperação das zonas rurais e dos povoamentos de aldeia. Um concelho, cuja imagem externa aponta claramente para a natureza e a ruralidade, aliadas a um turismo em busca de tradição e autenticidade, pode beneficiar da exploração da sua imagem bucólica para reforço da sua identidade. Num horizonte onde reina a natureza, a aldeia funde-se na beleza da paisagem, numa simbiose que parece resistir ao tempo, de encontro ao que caracteriza o interior do território nacional. A aldeia é a organização da comunidade que conserva saberes, tradições, costumes, artes e ofícios, num equilíbrio social, económico e ambiental sustentáveis. Esse modelo de sustentabilidade sobrevive graças a fenómenos de inovação que motivaram a reabilitação, readaptação e reinvenção dos espaços. Este ideal bucólico não pode, nem deve estar alheado das alterações verificadas nos grandes pólos de desenvolvimento, mas também não deve ser segregado por modelos de progresso industrializados e massificados. Numa população com maior literacia, a sustentabilidade é vista como um equilíbrio necessário de reencontrar. Parece fazer sentido o investimento na conservação de unidades territoriais mais autónomas e espessas de autenticidade, cuja procura parece crescer apontando um caminho de futuro, numa visão que se pretende sustentável.

Os estudos sobre as tendências agroalimentares, em Portugal, para 2027, apontam para uma redução dos desperdícios alimentares, para um aumento do

consumo *per capita* de produtos biológicos e para o crescimento da “*agricultura sintrópica*” (IPAM, 2018). Os canais de distribuição curtos e de proximidades serão uma preferência dos consumidores, perspetivando-se a valorização do *Gastrónomo regional*. Podemos concluir que estas unidades territoriais apresentam um grande potencial no regresso à sua atividade base, a agricultura, mas também ao nível de um setor em grande crescimento, o turismo, dando resposta aos interesses de quem procura os saberes de tempos marcados por ciclos da natureza e produções pouco industrializados. Uma organização conjunta e devidamente conjeturada pode reanimar um setor praticamente abandonado e prepará-lo para, além da produção de bens essenciais, responder a esta nova janela de oportunidade que se abriu a estes territórios. Neste sentido, propomos a estruturação de uma rede capaz de alavancar a exploração sustentável dos recursos culturais e naturais da região. Uma rede de aldeias, ao compilar e enquadrar os diferentes ativos e atrativos do concelho, pode constituir-se como um elemento charneira na estratégia de comunicação e marketing, com foco na vertente intangível e simbólica do território. A escolha das aldeias constituintes deverá considerar um conjunto alargado de fatores e atores, de forma a trespassarem os diferentes setores de atividade. Subsequentemente, pretende-se promover a coesão territorial, através da melhoria da qualidade de vida dos locais, atendendo às tendências dos mercados citados, às diversas unidades territoriais, à mobilidade, aos saberes locais, à proximidade e aos demais ativos e atrativos. O contacto com o turismo tem gerado algumas adaptações e já produziu respostas ao nível do alojamento e dos restaurantes típicos. Neste momento, a hotelaria, o alojamento em espaço rural, o alojamento local, as tasquinhas e os restaurantes típicos suprimem grande parte das necessidades básicas do visitante. No entanto, podemos constatar que o escasso número de empresas de animação turística a operar no concelho, a par da parca rentabilização cultural da região, lança uma preocupação acrescida sobre quem organiza os ativos e atrativos do território. As entidades locais e regionais são impelidas para uma ação mais próxima e efetiva, especialmente no que respeita à organização e

promoção destas potencialidades. De destacar as Associações de Municípios, as Comunidades Intermunicipais, mas especialmente as Autarquias locais. As políticas locais apresentam grande importância no desenvolvimento destes territórios, quer pela objetividade, quer pela adaptabilidade. Baião apresenta um conjunto de ações que podem ser analisadas como boas práticas nesta temática. Projetos como os centros cívicos e centros de relação comunitária podem ser reproduzidos e reinventados no âmbito das aldeias, prosseguindo um rumo de coesão territorial. Poderia aí ser criado um espaço de memória e convívio inter e entre gerações, recorrendo à reabilitação de espaços públicos e edifícios dotados e vocacionados para alojar os saberes das comunidades locais. O objetivo é tornar estes lugares apetecíveis à visita, mas primeiramente à habitação e à labuta. O abandono dos trabalhos agrícolas e, subsequentemente, do espaço rural tem implicações também ao nível da gestão florestal, nomeadamente a ocorrência de incêndios mais intensos e de maiores dimensões (Baião C. M., 2015). Da pequena produção de subsistência, pode vislumbrar-se a reinvenção para uma produção de pequena escala, mas de elevada qualidade, alinhada com o conceito de “*agricultura sintrópica*”, capaz de conciliar o fim comercial à procura de experiências participativas e enriquecedoras em ecossistemas inseridos no idílico bucólico associado ao campo. Neste seguimento, as tendências agroalimentares, em Portugal, apontam para a “*cocriação de alimentos*” como uma área que se desenvolverá nos próximos anos (IPAM, 2018). Existem alguns exemplos de jovens empreendedores que encontraram na região e na agricultura a oportunidade que procuravam. Carlos Vaz, um jovem baionense, regressou à terra natal para iniciar um negócio relacionado com a agricultura (Renata Monteiro, 2018). Um jovem poliglota, licenciado em Publicidade e Relações Públicas, conhecedor das tecnologias de informação e comunicação é um exemplo de alguém com potencial para explorar o negócio numa nova perspetiva, a da experiência turística. Este é um de vários exemplos que podem ser conectados e organizados em rede. Para que isso aconteça, é necessária uma articulação entre o poder político, as forças vivas do concelho e as

gentes singulares que a irão concretizar, promovendo uma implementação simultânea *top-down* e *bottom-up* do projeto.

A preservação seja ela cultural ou natural, deve emanar do reconhecimento e do respeito por esse património tão precioso quanto único. Por outras palavras, a informação e a fruição da população local vão ser os elementos catalisadores para a sua valorização. A marca “*Baião, Vida Natural*” aponta claramente para uma das imagens distintivas do concelho – a natureza. Essa natureza caracterizada por recursos tão diferentes quanto complementares, como seja o rio Douro e as Serras, é igualmente reconhecida pelas unidades territoriais de ocupação humana – as aldeias, onde a natureza ajudou a cunhar marcas identitárias que resistiram ao longo dos tempos e que continuam, ainda hoje, a servir as populações locais. Com as rápidas alterações ocorridas nas últimas décadas, esses esteios culturais clamam por uma adaptação/atualização a fim de serem futuro, ao invés de passarem a memórias do passado. A marca “*Baião, Vida Natural*”, sendo uma virtude, também pode ser um bloqueio à comunicação da diversidade concelhia (L. P. Martins, 2014). É deste reconhecimento que emana a ideia de bipolarizar as âncoras de uma de comunicação e marketing para o turismo, ainda muito assente nos ativos da natureza. A vocação estratégica do conceito de rede de aldeias assenta no contexto de turismo de interior, turismo cultural, turismo de natureza e turismo gastronómico. Para a referida recuperação e valorização do espólio cultural local, propomos a fundação de um Museu formado por uma rede de pólos museológicos capazes de encerrar pequenos ateliers e/ou oficinas, funcionando como um espaço/amostra, onde algumas das atividades quotidianas das gentes se mantenham, se desenvolvam e onde se exibam a quem os visita. Um conjunto de espaços dinâmicos e interativos distribuídos pela rede de aldeias, fundidos no edificado local e integrados de tal forma na comunidade e nos hábitos das gentes, que tornaria a experiência da visita numa experiência holística, envolvendo o visitante numa realidade sentida e autêntica num contexto rural. Estes espaços

museológicos, preferencialmente integrados no contexto das aldeias, ligariam espaços já existentes complementando os polos museológicos. Para um trabalho rigoroso e devidamente enquadrado, seria importante o acompanhamento por parte de entidades nacionais como a Rede Portuguesa de Museus e o Instituto de Gestão do Património Arquitetónico e Arqueológico. Para o levantamento e relato fidedigno do património imaterial que se pretende preservar, será conveniente o relato das gentes e das associações culturais locais, em particular os ranchos folclóricos, em colaboração com uma equipa de antropólogos. Assim sendo, as pessoas seriam chamadas para a construção de espaços de dinamização socioeconómica distribuídos por todo o território de Baião, ajudando à formação do Museu da Comunidade, um conjunto de espaços museológicos de preservação e experimentação que ficariam organizados sob o chapéu de uma rede que seria a marca desta estratégia organizacional dos recursos.

Desta forma, a marca proposta seria *Aldeias D'ouro de Bayam*, em alusão ao conceito de aldeia, ao rio Douro e à forma antiga de escrita da palavra Baião, indo com encontro às raízes. Para imagem de marca deste projeto, inspirámo-nos num dos ofícios mais distintivos do concelho, a produção de bengalas. Recorrendo à criatividade no sentido de inovar uma das principais artes do concelho, projetámos um objeto que batizámos de *Coração de Bayam*. Essa representação será formada por duas bengalas assimétricas que simbolizam respetivamente o homem e a mulher. Este objeto simbolizará, simultaneamente, a imagem da igualdade de género, complementaridade e proximidade. Veja-se a complementaridade oferecida pelo Douro e pelo Marão e a proximidade entre as pessoas, os seus costumes e tradições. Este coração simboliza também o imaginário romântico de um local, onde o amor pode acontecer e permanecer, perdurando no tempo numa caminhada onde a bengala representa a longevidade e o caminhar em paralelo. O formato de coração alude ao lado emocional que se deseja despertar nas experiências vividas em Baião.

Nesta proposta, a noção de proximidade deve ser um elemento central e basilar e, por isso, entendido e trabalhado às diferentes dimensões, próximo de pólos urbanos reconhecidos pela UNESCO – Porto, Guimarães e Alto Douro Vinhateiro. Se a proximidade territorial é fundamental para o visitante chegar até Baião, a proximidade às raízes e às pessoas locais será o fator determinante e catalisador de experiências marcantes que ficam guardadas e são recordadas depois da partida. Baião reúne as condições para se posicionar como um destino onde é bom viver, onde se pode aprender, onde se pode experimentar e, por esse motivo, se deve recomendar.

A criação de um Conselho de Aldeia poderia colocar os diversos intervenientes da comunidade em convergência de sinergias, de forma a aglutinar as ideias e os saberes, contribuindo para a estratégia da respetiva comunidade. O envolvimento de pessoas singulares e entidades coletivas como os ranchos folclóricos da freguesia ajudariam a fortalecer a base desta proposta. A um outro nível, estaria uma associação de desenvolvimento local ou uma empresa municipal para promover e representar a Rede de Aldeias D´ouro de Bayam, estabelecendo a ponte entre os diferentes níveis do planeamento e execução. Paralelamente, a Autarquia deverá promover a elaboração de um Plano de Aldeia, contemplando áreas como o urbanismo e a arquitetura e projetar o Museu da Comunidade com a área do património.

A estratégia de implementação da rede deveria respeitar a lógica: fixar, preservar, atrair. Um projeto desta envergadura e com esta abrangência social carece de apoio de Fundos Comunitários para a sua exequibilidade. Deverá ser criada uma equipa para analisar as linhas do programa Norte 2020 que aprovelem projetos no sentido da proposta apresentada. A criação de condições e atividades que auxiliem a fixar a população residente é, naturalmente, a base essencial para desenhar um desenvolvimento sustentável. Esse trabalho está a ser desenvolvido em diferentes áreas que não são abrangidas por este estudo, mas que são decisivas para a implementação do mesmo como seja o emprego, a educação, a saúde, a habitação e a segurança. É este um vasto

conjunto de peças que contribuem para a sensação de bem-estar e conforto dos habitantes, ponto fundamental para reter e simultaneamente ponto de partida para atrair. Só dessa forma se conseguirá combater a tendência de partir. As mesmas acessibilidades que facilitam a chegada, podem favorecer a partida, lançando um desafio a este tipo de territórios que não sendo novo continua a ser uma das principais preocupações dos locais mais interiores e menos industrializados.

A rede deveria criar uma agenda única de atividades anual, onde constassem os costumes e tradições sazonais, bem como as realizadas durante todo o ano, de caráter diário e/ou semanal. Esse agendamento exigirá uma articulação com as festividades e romarias e com a agenda municipal, de forma a melhorar e complementar a experiência de quem visita o território.

Para esta rede – *Aldeias D'ouro de Bayam* – propomos as aldeias de Almofrela, Currais, Ladoeiro (lugar), Outoreça, Mafómedes, Telões e Porto Manso (figura 9).

Figura 9 - Rede de Aldeias D'ouro de Bayam: distribuição das pelas freguesias do concelho de Baião.



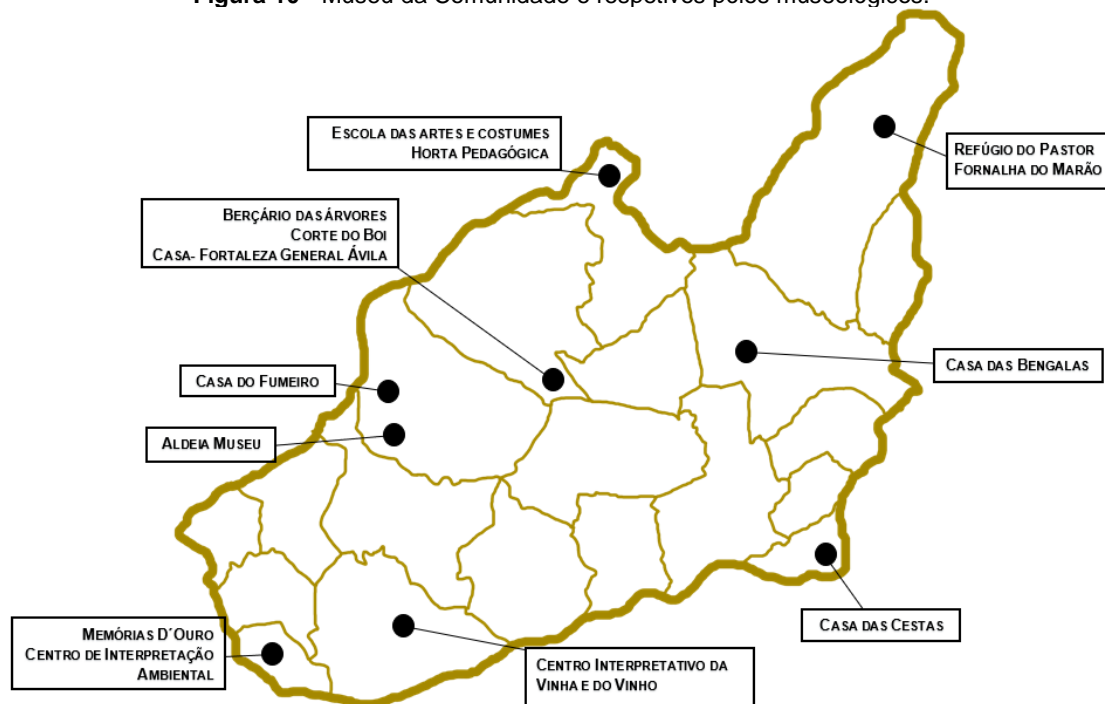
Nesta sugestão, Currais teria um papel central, uma vez que se tornaria numa aldeia totalmente recuperada, cujas instalações poderiam ser colocadas à exploração numa perspetiva de sustentabilidade. Estando próxima da sede do concelho e de importantes atrativos culturais, Currais poderia ser restaurada de acordo com o que foi o seu passado não muito distante e de carácter rural. As casas das aldeias devem respeitar a arquitetura das casas do camponês de meados do século XX, *“uma habitação de granito e com as paredes e o telhado muito escuros. A alegrar as fachadas, só as barras brancas de cal que encaixam as portas e as janelas e o craveiro de todo o ano com seus cravos vermelhos”* (Pinto, 1949, p. 119). A salvaguarda de questões de ordenamento territorial e arquitetura característica constituem elementos centrais na estratégia que se propõe, pelo que é primordial o desenvolvimento de políticas locais específicas e direcionadas a este projeto. *“Os Aglomerados Rurais das encostas da Serra da Aboboreira, localizados acima dos 700m de altitude, caracterizam-se grosso-modo pela sua arquitetura granítica tradicional, com as construções frequentemente polarizadas por uma eira e um conjunto de espigueiros. A arquitetura da Água – nascentes, minas, levadas, poças, moinhos – a rede de caminhos e a estrutura do parcelário agrícola envolvente fazem parte integrante do valor atribuído a estes conjuntos”*, dos quais fazem parte a aldeia de Almofrela e de Currais. (Associação de Municípios do Baixo Tâmega, 2014, p. 46).

Ao longo do território, o povoamento rural apresenta dois modelos diferenciados. Nas terras baixas, entre os 400 e os 700 metros, as Casas Principais, Conventuais, Nobres ou Solares polarizam o espaço rural com a base da sociedade, os lavradores e outras camadas, a instalarem-se entre o campo e o monte, num padrão caracterizado por pequenos núcleos. Não sendo a dispersão total, muitas não se configuram como verdadeiras aldeias, originando uma organização a que se dá o nome de lugar (Associação de Municípios do Baixo Tâmega, 2014). Por sua vez, na montanha, resultado da menor temperatura, maior precipitação e amplitude térmica, são os *Lugares*

Aglomerados que polarizam o espaço rural. O cultivo da oliveira, da vinha e da fruta fica abaixo dos 700 metros, prevalecendo aí o cultivo do centeio, milho, castanha, batata e a criação de gado, enquanto compensação da menor exploração agrícola. Aqui, o aproveitamento das águas originou o desenvolvimento de uma rede de gestão das águas que, juntamente com a implantação de uma grande eira rodeada por espigueiros, define muitos destes aglomerados onde se inserem Almofrela, Currais, Telões e também Outoreça, apesar desta última não se encontrar na montanha. Os aglomerados como Mafómedes ocupam vales acanhados e isolados, apresentando um padrão de implantação diferente (Associação de Municípios do Baixo Tâmega, 2014).

Pela análise do território e pelo trabalho de campo na recolha de dados, propomos um conjunto de sete aldeias ligadas em rede. Para a dinamização dessa rede, recorreremos à elaboração de duas rotas e ao conceito de Museu da Comunidade, cujo objetivo é a valorização do património local *in loco*. O Museu da Comunidade poderá estender-se por todo o território, através da criação de uma sede e vários pólos museológicos ligados em rede e sob a tutela da primeira (figura 10).

Figura 10 - Museu da Comunidade e respetivos pólos museológicos.



Cada um destes pólos pode e deve ser criado por forma a respeitar as especificidades de cada local, em reflexo da enorme diversidade existente no concelho, permitindo a descoberta do património por parte dos habitantes e dos visitantes.

À Sede do Museu Comunitário de Baião reservam-se as funções de organização, dinamização e gestão. Para isso, deve dotar o Museu da Comunidade de competências de natureza científica, museológica e ao nível da comunicação, educação, interpretação/experimentação que valorizem a interação. Deverá ter ainda uma exposição permanente e abrangente de toda a rede, bem como uma calendarização anual das tradições, costumes e celebrações. Aqui poderá ser realizada a orientação e o apoio às demais iniciativas promovidas por parceiros locais tais como associações, cooperativas e outras organizações não governamentais. Sendo este um projeto com uma visão descentralizadora, a sede deve ser, por isso, um espaço que estimule os sentidos e a curiosidade para visita às aldeias e para a descoberta dos diversos pólos fundados no território.

A aldeia de Currais será a *Aldeia Museu* da rede onde funcionará a *Sede do Museu da Comunidade de Baião*. A revitalização da aldeia permitirá a recuperação de espigueiros, eiras, campos de cultivo, de um moinho de água e de cortes de animais. Para além disso, existe a casa do pastor e a casa onde funcionou a escola primária. O restauro permitirá a reabilitação do espaço para posterior cedência de utilização. Desta forma, será possível recriar um conjunto de atividades em contexto real. Esta aldeia deve seguir uma estratégia de recuperação integral do património comunitário, de forma a que todos os edifícios destinados ao armazenamento e transformação agrícolas permaneçam a funcionar e sejam uma atração turística. O projeto de alojamento de montanha previsto para Almofrela poderá ser repensado e realocado a esta aldeia, onde se poderia reproduzir todo um dia a dia e a vida no campo através da dinamização de uma horta biológica e pedagógica. Para além de ser a sede do Museu da Comunidade, Currais terá alojamento, uma pequena mercearia de produtos típicos de Baião e um

espaço que funcionará como museu/oficina para o fabrico de croças, flautas de cana e o mosaico de pedra e cerâmica. No edifício da antiga escola primária, será recriado todo o ambiente de aprendizagem dos tempos em que as crianças se deslocavam a pé para a escola, readaptado às necessidades atuais, funcionando como espaço das novas tecnologias de informação e comunicação. Esse local deve ainda ser destinado ao estudo e conservação de cantares típicos da época das colheitas – os *Cantaréus*. Será nesse espaço que ficará instalado o acesso on-line a toda a rede de aldeias e pólos museológicos. Pela proximidade e pelas condições propostas, Currais será o ponto de reunião para a realização da romaria ao São Brás, cuja capela de homenagem se encontra na aldeia vizinha.

Na aldeia de Almofrela, a *Casa do Fumeiro* pretende ser um espaço onde se guarda todo o saber relacionado com esta temática. Sendo um dos principais produtos gastronómicos da região, o fumeiro de Baião é reconhecido pela sua qualidade possuindo na Feira do Fumeiro e do Cozido à Portuguesa o ponto alto da sua promoção. A aquisição de uma casa típica da região, com a lareira onde se fumam as carnes, irá possibilitar a utilização por parte dos habitantes e dos visitantes que aqui poderão fazer uma prova de fumeiro acompanhado de pão de milho ou centeio e vinho verde de casta Avesso. Este espaço recriará a matança do porco, tradição associada ao fabrico do fumeiro. Um outro espaço que deverá ser musealizado é o *Tanque de lavar a roupa* da aldeia, utilizado ainda hoje pelos residentes que, em dias de sol, colocam a roupa a corar. Estes equipamentos distribuídos por todo o concelho fazem parte do ritual diário de muitos dos habitantes, em particular das mulheres que, acompanhadas da bacia, roupa, sabão, detergente e escova, recorrem aos lavadouros públicos para realizar essa tarefa doméstica que promove a socialização e o convívio, uma vez que funciona, simultaneamente, como ponto de encontro.

Para a aldeia de Outoreça, planeamos o núcleo de educação ambiental, através da utilização de terrenos onde se poderá conhecer e cooperar na reprodução de

espécies autóctones de plantas, arbustos e árvores – *O Berçário das Árvores* – com uma relação privilegiada ao Carvalhal de Reixela. Nestes espaços, serão realizadas todas as etapas de desenvolvimento das espécies e devendo ser o núcleo dinamizador de campanhas de plantação e apadrinhamento de árvores. A *corte do Boi* será o pólo destinado a manter esse conhecimento, bem como a lembrar uma técnica de reprodução que se mantém naquela aldeia. O mesmo espaço terá também um local destinado à construção de carros de bois, servindo como museu/oficina, bem como um tear em exposição passível de ser utilizado por quem lá vive ou visita. A recuperação do *Tanque de lavar a roupa* e do *Fontanário* existentes no centro da aldeia poderá ser o mote para a requalificação daquele pequeno centro onde se poderá recriar o *magusto da aldeia*, atividade que necessitará da recuperação de um forno para o fabrico das tradicionais *falachas*, bolos feitos com massa de castanhas presentes nas canastras das romarias de Baião (Pinto, 1949). Este espaço que poderá funcionar no edifício já referido deverá conter as histórias do escritor António Mota, autor de uma obra literária que narra um valioso testemunho de tradições e costumes.

Em Mafómedes, propomos a criação de espaços relacionados com a confeção do pão e com a pastorícia. O espaço *Fornalha do Marão* será o corolário de um trabalho em rede. Sendo o forno comunitário um equipamento inexistente no concelho, será necessário o envolvimento das gentes de Mafómedes para a reconstrução de um forno que terá um uso comunitário. Essa reconstrução deve recorrer a artistas de outra freguesia, cuja arte é o de trabalhar a pedra, os *Cantoneiros de Ancede*. Sendo o forno um símbolo da vida diária, este espaço ficará ao dispor dos habitantes para aí cozerem o seu pão. Servirá igualmente para aprendizagem e fabrico do *Bolo da Prima* e de um dos doces mais conhecidos na região e que recebe o nome da sua freguesia – *Biscoito da Teixeira*.

A criação da *Rota do Pastor* terá por base a travessia realizada pelo pastor para levar o rebanho em busca de novas pastagens. Não se tratava de um rebanho

comunitário, mas sim de um rebanho cuja guarda era comunitária, cabendo alternadamente a cada um dos pastores essa tarefa. O caminho passaria por moinhos de água comunitários existentes no rio Teixeira, pela represa e pelo parque de merendas, subindo a serra rumo às minas de volfrâmio do Teixo, cujas ruínas deveriam ser limpas e o acesso melhorado. Parte deste trajeto será percorrido no ritual realizado no solstício de verão. Este pólo deve ser o dinamizador e o impulsionador deste ritual pagão realizado a 21 junho.

Toda a história relacionada com a figura do Pastor, a criação de gado caprino, a gestão comunitária do rebanho e dos moinhos e o forno deveriam estar compreendidos no espaço museológico – *Refúgio do Pastor*. Este novo espaço onde será exposta a história das minas de volfrâmio do Marão valorizará o investimento público e privado recentemente realizados naquela aldeia, criando atrativos no sentido de conceber condições para o regresso e a fixação de residentes. A proposta aqui apresentada contempla a realização anual de um *retiro criativo*, ou seja, um fim de semana em que se convidam jovens criativos do concelho e do país ligados às artes, à literatura, à comunicação, ao marketing e ao design, no sentido de promover a inovação e a criatividade junto da rede de aldeias do museu da comunidade e das artes, tradições e costumes. O objetivo é chamar jovens a colaborar, que possam propor, inovar, readaptar e reaproveitar o património existente lançando novas ideias e novas formas de comunicar com os seus pares, promovendo-se e preparando-se, desta forma, a transmissão de todo um vasto património cultural presente na memória coletiva das gentes de Baião.

Em Telões, poderia ser restaurada uma casa típica como, por exemplo, o edifício onde funcionou a escola primária, os espigueiros próximos e um campo adjacente. Na *Escola das Artes e Costumes* poderá ser explicado e demonstrado o ciclo do pão, desde a plantação do cereal ao fabrico do mesmo. O espaço será também destinado à explicação do ciclo da lã e do linho, possuindo um tear montado e em pleno

funcionamento. Nesta aldeia, serão dinamizadas diferentes atividades como a desfolhada do milho e a segada e malha do centeio. A *Horta Pedagógica da Aboboreira* será um espaço onde o ciclo de produção da terra e toda a logística inerente à mesma, desde a gestão das águas de regadio, à rotina diária de quem trabalha o campo será conservada e explicada.

Para a aldeia de Porto Manso, é proposto o pólo – *Memórias D´ouro* – recordando os tempos em que os barcos rabelos cruzavam o concelho até encontrarem naquele local um porto tranquilo, um porto manso. Recorrendo aos textos de Alves Redol, deve conseguir-se impulsionar o visitante a deambular no imaginário das palavras percorrendo o passado para aí projetado. Ao longo do percurso pela bela albufeira, deverá estar assinalada e explicada a fauna e a flora presentes. Um pequeno pomar no exterior do pólo deve permitir um melhor conhecimento sobre as conhecidas laranjas da Pala, no que respeita às suas especificidades nutricionais e organolépticas. O espaço deve explorar a ocupação romana da região promovendo a exploração da calçada romana que atravessa a aldeia. Nessa casa típica da aldeia onde funcionará o *Centro de Interpretação Ambiental do Douro*, estará também uma oficina para a construção de miniaturas de barcos rabelos.

Na freguesia de Frende, mais propriamente no lugar do Ladoeiro, deverá ser restaurada uma casa típica daquele lugar com um pequeno olival. O espaço no qual será exposto todo o ciclo de produção de azeite terá no andar de baixo uma *Azenha* para produção deste. O andar de cima será destinado à história das *Cestas de Frende*, cuja técnica e matéria prima, giesta piorna, produz um artesanato típico que faz parte da identidade municipal. O pólo *Casa das Cestas* pretende ser um espaço museológico que funcione como uma oficina, onde se produzam as conhecidas cestas e os chapéus de palha. Nesse seguimento, serão criadas condições para que este património se conserve e se transmita às gerações vindouras. Sendo um projeto já pensado pelo Autarquia, a proposta vai no sentido da reabilitação de uma casa com um lagar de

azeite, onde se possa reproduzir as ancestrais técnicas de produção, assim como a criação de condições para a produção e experiência participativa.

A *Rota do Almocreve* deverá atravessar todo o concelho, ligando Frende à Aboboreira e ao Vale do Ovil, passando pelos moinhos de água do rio Zêzere e por Gestação, onde será erguido um memorial em honra a este ofício.

A *Casa-Fortaleza do General Ávila* será um pólo destinado à resenha histórica de batalhas, guerras ou ocupações ocorridas no território. Esse acervo militar deve contemplar a memória daqueles que forjaram a sua história desde D. Arnaldo, passando pelo extinto Castelo existente em Matos, até à bravura da resistência às invasões francesas, cuja coragem do povo fez erguer um memorial e na qual a lenda enfatiza a atual Casa da Juventude e Desporto construída em meados do século XIX pelo General Francisco Lobo de Ávila, localizada no lugar de Chavães próximo à aldeia de Outoreça. Neste momento, o espaço alberga o pólo etnográfico do museu municipal, pelo que esta proposta sugere a utilização de todo o piso inferior para o funcionamento deste pólo.

O pólo *Centro Interpretativo da Vinha e do Vinho* deve conseguir materializar a expectativa do visitante, promovendo uma genuína e participativa aprendizagem sobre a história do vinho verde e as castas utilizadas na região. O espaço já existente e em funcionamento apresenta potencial para o desenvolvimento de experiências mais interativas e participativas. A *“vida medieval monástica, fortemente enlaçada com a agricultura e o comércio, nomeadamente do vinho”* (L. P. Martins, 2014) fornece as bases e os saberes essenciais para o desenvolvimento de atividades mais enriquecedoras. Este pólo deverá articular com os produtores que conservem a tradição da pisa das uvas e da ceia da lagarada, no sentido de impulsionar e explorar turisticamente esta experiência.

O *Centro Arqueológico Interativo* poderia, no futuro, ser um pólo interativo e recreativo criado no prolongamento do núcleo de arqueologia do museu municipal. A

proposta passaria pela recriação de algumas das técnicas de construção encontradas da CASA e documentadas em maquete na atual sede do Museu Municipal. As estações aí desenvolvidas poderiam ser analisadas e pensadas também sob o ponto de vista da atividade física, de forma a estudar e avaliar a sua recetividade junto de atletas de modalidades como, por exemplo o Crossfit. Consideramos existirem condições para a elaboração de um circuito cultural com possibilidade de inserção da componente física, sem que para isso se desconsidere ou descaracterize a base da experiência. Por esse motivo, conjecturamos um espaço em plena serra da Aboboreira que precedesse a visita ao complexo enunciado, mas que sucedesse à explicação teórica. Esse pólo poderia ser criado de raiz ou aproveitar equipamentos existentes em espaços públicos aí localizados como, por exemplo, o centro hípico municipal, dotando-o de uma resposta a outro nível e maximizando o investimento público.

Em Gestaçô, o pólo *Núcleo de Artes e Ofícios Tradicionais de Bengalas de Gestaçô* serve de ponto de partida para o espaço que nos propomos recriar naquela freguesia. De momento, a funcionar como um *tradicional* espaço museológico, vislumbramos naquele espaço um potencial de experiência que está por explorar. A exposição deverá dar lugar à interação e à participação, devendo funcionar como oficina onde se recriem técnicas e peças do passado e onde se permita que o visitante dê largas à criatividade e participe na elaboração da sua recordação de Baião como, por exemplo, o *Coração de Bayam*. A entrevista ao Sr. Eduardo Cardoso permite aferir o potencial que este ofício possa ter na mudança de paradigma relativamente à visita. A abertura para a explicação e a demonstração por parte deste artesão lança as bases para experiências mais participativas e criativas. Excelente anfitrião, o Sr. Eduardo Cardoso é uma pessoa que gosta de receber e de dar a conhecer o que é uma vida de conhecimento ligado à construção de bengalas e hastes de guarda chuva. O uso da bengala enquanto acessório da indumentária masculina generalizou-se durante o séc. XIX e início do séc. XX, bem documentado em fotografias de grupo ou literatura da

época. Essa tendência transversal aos estratos sociais globalizou-se do urbanismo à ruralidade. Em Baião, no lugar da Mó, freguesia de Gestaçô, foi criada por Alexandre Pinto de Ribeiro a primeira oficina de castões, cabos de guarda-chuvas e bengalas. A inovação tecnológica que o baionense trouxe de Espanha permitia dobrar a madeira em vez de a cortar como era feito até então, em Portugal. Essa técnica aumentou a robustez da peça e permitiu uma produção nacional competitiva internacionalmente, nomeadamente com a Áustria, à época, principal produtor estrangeiro. A oficina do artesão rapidamente se transformou num centro de formação e aprendizagem desta renovada arte tradicional que evoluiu no sentido da notoriedade e do emprego, mais concretamente em Gestaçô. Na década de quarenta, quase toda a população se dedicava direta ou indiretamente ao ofício que celeremente se tornou no alicerce económico da freguesia. O aparecimento do plástico entre a década de cinquenta e sessenta veio alterar esta realidade. A maioria dos compradores trocou a matéria tradicional, a madeira, pelos novos materiais que surgiam no mercado e a indústria de Gestaçô sofreu uma quebra brusca na procura, o que provocou uma elevada emigração dos residentes, muito acima do registado no resto do concelho. Se o uso destes objetos diminuiu recentemente, é certo que aumentou a procura de pequenas recordações alusivas a memórias emocionais. Posto isto, considerando a tradição e o valor associados a esta arte, atendendo ao espaço já existente, tendo em conta a disposição demonstrada pelos artesãos e acolhendo a proposta de inovação apresentada com o *Coração de Bayam*, concluímos que na *Casa das Bengalas* a criatividade deve brotar, transformando-a num local gerador de experiências participativas e indutor de momentos realmente enriquecedores. O Sr. Eduardo Cardoso, sendo um dos artesãos mais ativos, demonstrou abertura à sugestão acima referida, mostrando esperança e interesse em contribuir para trazer renovação e dinamização a uma arte em risco de desaparecer.

O envolvimento do visitante numa experiência criativa permitirá construir a sua própria recordação da deambulação por terras de Baião.

Neste sentido, elaboramos uma sistematização de um conjunto de atividades que entendemos serem passíveis de serem reinventadas de uma forma criativa, promovendo a interação e a participação entre o visitado e o visitante, por freguesia/aldeia do concelho (tabela 2).

Tabela 2 – Sistematização das atividades passíveis de inovação com base em experiências criativas.

DESIGNAÇÃO DA ATIVIDADE	ENQUADRAMENTO	FREGUESIA/ALDEIA
Noite morta	Romarias	Campelo
São Brás	Romarias	Almofrela
Solstício de Verão	Romarias	Mafómedes
Desfolhada	Tradições	Telões
Magusto	Tradições	Outoreça
Vindimas	Tradições	Ancede (Mosteiro)
Matança do Porco	Tradições	Almofrela
Segada e Malhada de Centeio	Tradições	Telões
Cantar dos Reis	Tradições	Ancede (Mosteiro)
Rota do Pastor	Rotas Temáticas	Mafómedes
Rota do Almocreve	Rotas Temáticas	Telões, Currais, Ladoeiro
Biscoito da Teixeira e Bolo da Prima	Gastronomia	Mafómedes
Broa	Gastronomia	Mafómedes, Telões, Outoreça
Falachas	Gastronomia	Outoreça
Cantaria	Artes e Ofícios	Ancede - Mosteiro
Bengalas	Artes e Ofícios	Gestaçô
Croças	Artes e Ofícios	Currais
Flautas de Cana	Artes e Ofícios	Currais
Carros de Bois	Artes e Ofícios	Outoreça
Têxteis	Artes e Ofícios	Outoreça e Telões
Cestas	Artes e Ofícios	Ladoeiro - Frende
Chapéus de palha	Artes e Ofícios	Sta. Marinha do Zêzere
Mosaicos de Pedra e Cerâmica	Artes e Ofícios	Currais
Barcos Rabelos	Artes e Ofícios	Porto Manso e Frende

Atualmente, no concelho de Baião, só dois ofícios estão inscritos no Registo Nacional do Artesanato. As Bengalas de Gestação são uma dessas artes, com três artesãos referenciados. Um dos objetivos desta proposta passa ainda pelo aumento do número de artes registadas. Esse passo é essencial para os alicerces desta proposta, pelo que a criação de condições para a produção artesanal visa também esse objetivo.

Este projeto ambiciona captar para o destino um mercado de estatuto médio-alto, devido à propensão para uma oferta turística diferenciada, não massificada, com elevada oferta cultural, qualidade do serviço e informação. Esse público-alvo apresenta também uma enorme sensibilidade para questões relacionadas com o conceito de sustentabilidade.

Considerações Finais

É fundamental “*prosseguir com o modelo de desenvolvimento convergente nas ações recentes de valorização da identidade, socialização e atividade local (...) ancoradas na especialização do setor terciário e serviços mais especializados nos aglomerados populacionais principais e no potencial de produção artesanal, rural e paisagístico*” (Elsa Pacheco, 2016, p. 157).

As *Aldeias D´ouro de Bayam* poderiam ser uma mais valia no reforço da identidade cultural local. Simultaneamente, contribuiria para o posicionamento do concelho enquanto destino e marca turística cultural, ao ajudar a conservar, contextualizar e inovar a experiência numa articulação transversal aos restantes recursos naturais e particularmente culturais, passíveis de promover experiências criativas. A proposta pretende estruturar um Museu da Comunidade que mantenha e promova os sabores, os saberes e a identidade local, gerando uma organização de recursos que permita paralelamente ao visitante descobrir diferentes atrativos culturais e naturais, com um tempo de deslocação entre eles inferior a 20 minutos. A proximidade é, assim, um fator que valoriza a experiência, pelo que no futuro se poderá acrescentar uma nova aldeia à rede, num lugar em S. Tomé de Covelas. Um preenchimento adequado do tempo deve atender à trilogia – tempo e tipo de visita, tempo de deslocação e alternância de recursos culturais/naturais. O visitante poderia “*experienciar*” a cultura local ao mesmo tempo que ia fruindo dos bonitos recursos naturais que Baião tão bem ostenta. Essa gestão deve incorporar a estratégia de planeamento, organização e investimento nos recursos. Um conjunto de várias experiências, qualitativamente niveladas e vividas de forma holística, pode funcionar de uma maneira cumulativa, produzindo uma experiência global mais enriquecedora e satisfatória ao visitante e uma realização pessoal para o habitante local. É necessário garantir as condições para que a experiência vá de encontro ao imaginário

criado. A harmonização da cadeia de valor é fundamental para garantir a coerência com a imagem de marca induzida. Melhorar a organização e comunicação internas, abrir espaço à criatividade e inovação, permitem produzir uma melhor e mais eficaz transmissão e perceção externas. O bom trabalho de promoção externa que se está a iniciar deve ser precedido de uma sólida organização interna.

Esta proposta pretende contribuir para a coesão territorial, promovendo a sustentabilidade e o desenvolvimento concelhio, ao ajudar a criar condições para o reaproveitamento de um setor e de espaços cada vez mais deixados ao abandono.

A criação de uma rede municipal de aldeias atalha caminho para o que poderá ser uma futura rede regional de aldeias de montanha (Aboboreira e Marão) ou de rio (Douro) em parceria com os municípios limítrofes.

Esta proposta, ao reorganizar os ativos e os atrativos culturais, formaria uma malha organizacional transversal a outros trabalhos do âmbito cultural já realizados como, por exemplo, a Rota do Românico. A criação da rede museológica permitiria, para além do que já foi exposto, ter matéria para candidatar o Município de Baião à Rede Portuguesa de Cidades Criativas e posteriormente à Rede de Cidades Criativas da UNESCO.

Bibliografia

- Aldeia, A. d. (2005). *Aldeias de Portugal*. Retrieved setembro 2018, 06, from www.aldeiasportugal.pt/: www.aldeiasportugal.pt/sobre_nos/
- Alliance, D. (2013). *Douro Alliance -Eixo Urbano do Douro*. Retrieved julho 24, 2018, from www.douroalliance.org/gabineteturismo/pt/gabinete-de-turismo/informacao-util/categorias.html
- Antas, M. N. (2013). *A Comunicação Educativa como Factor de (re)Valorização do Património Arqueológico - Boas Práticas em Museus de Arqueologia Portugueses*. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias - Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração.
- Associação de Municípios do Baixo Tâmega, A. (2014). *Aboboreira património, natureza e paisagem - vol. II*. Amarante: Impress24.
- Asunción Beerli, J. M. (2004). Factors influencing destination image. *Annals of Tourism Research*.31, (pp. 657-681).
- Azeredo, A. d. (1938). *Casas de Baião*. Tipografia Pôrto Médico .
- Baião, C. M. (1989). *Foral de Baião*. Campelo, Baião: Gráfica do Norte - Amarante.
- Baião, C. M. (1997). *Baião - Tradição e História*. Campelo- Baião: Anégia Editores.
- Baião, C. M. (2000). *Os Rios de Baião*. Baião: Gráfica do Norte - Amarante.
- Baião, C. M. (2012). *Baião Vida Natural* . Baião: Gráfica Vilar do Pinheiro - Santos & Reis Lda.

- Baião, C. M. (2014). *Baião Vida Natural*. Baião: Mediana - Global Communication.
- Baião, C. M. (2015). *Plano Municipal de Defesa da Floresta Contra Incêndios de Baião*. Baião.
- Baião, C. M. (2018, julho 20). *Arquivo de Tradições*. Retrieved agosto 3, 2018, from www.cm-baiao.pt.
- Baptista, F. O. (2001). *Agriculturas e Territórios*. Oeiras: Celta Editora.
- Bruno Alexandre Cipriano Rapaz Ramos, R. B. (2014). Aldeias do Xisto: A estratégia de marketing e comunicação de uma marca territorial. *Revista Turismo & Desenvolvimento*, 13-23.
- Cabral, J. C. (2006). Desertificação em Zonas de Montanha. *Jornadas de Desertificação e Despovoamento*. Lisboa.
- Carneiro, M. J. (2007). *Modelação da escolha de destinos turísticos; uma análise de posicionamento. Tese de Doutoramento*. Universidade de Aveiro.
- Carvalho, M. S. (2013). *Cultura e turismo criativo na experiência integral do turismo rural*. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Cayeman, C. (2014). *A Importância do Turismo Criativo para a Sustentabilidade da Atividade Turística nas Grandes Cidades*. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.
- CENTRO, O. (2018, março 16). *ON- CENTRO - Rede de Aldeias de Montanha aposta na valorização da sua autenticidade*. Retrieved setembro 04, 2018, from ON CENTRO: <https://on-centro.pt/index.php/pt/noticias2/item282-rede-de-aldeias-de-montanha-aposta-na-valorizacao-da-sua-autenticidade>

Coordenação, C. I. (2015). *Alteração da Deliberação relativa à classificação de territórios de baixa densidade para aplicação de medidas de diferenciação positiva dos territórios*. Lisboa.

Correia, J. d. (1969). *Ecoss do País*. Peso da Régua: Imprensa do Douro.

Correia, T. P. (2004, janeiro/fevereiro). A multifuncionalidade da paisagem rural. Que desafio para o futuro? *Jornal de Animação da Rede Portuguesa LEADER+, sériellª, nºa16 janeiro/fevereiro, 4*.

Criativas, R. d. (2016, 02). *Estudo para a Definição do Modelo Conceptual e de Implementação dos Planos Municipais para a Inovação*. Retrieved 08 29, 2018, from WWW.cm-castelobranco.pt: WWW.cm-castelobranco.pt/media/2017/planos-municipais-de-inovação.pdf

Dolmen, C. (2015). *Viagem pelo Douro Verde*. Gráfica do Norte - Amarante.

Duarte, A. (2013). Nova Museologia: os pontapés de saída de uma abordagem ainda Inovadora. *Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio*, pp. 99 -117.

Elsa Pacheco, L. S. (2016). *Baião -Em Torno do Território*. Baião: Caleidoscópio Edição e Artes Gráficas, S.A.

Estrangeiros, C. N.-M. (2017, 11 02). *Rede de Cidades Criativas da UNESCO*. Retrieved 08 21, 2018, from WWW.unescoportugal.mne.pt: https://www.unescoportugal.mne.pt/pt/noticias/rede-de-cidades-criativas-da-unesco

Gil, A. C. (2002). *Como Elaborar Projectos de Pesquisa*. São Paulo: Editora Atlas.

Gomes, T. I. (2017). *O perfil e as motivações turísticas: os turistas do concelho de Baião*. Faculdade de Letras - Universidade do Porto.

- Gonçalves, A. R. (2008). As comunidades Criativas, o Turismo e a Cultura. *Dos Algarves: Revista da ESGHT/UALG*, 17: 11-18.
- Gonçalves, J. A. (2009). *Baião Através dos Tempos*. Uniarte Gráfica/Porto.
- Greg Richards, C. R. (2000). Creative Tourism. *ATLAS News*, nº 23, 16 - 20.
- Greg Richards, J. w. (2005). From Cultural Tourism to Creative Tourism. *The Changing context of cultural tourism*, (p. Introduction). Barcelona.
- Guillaume, M. (2003). *A Política do Património*. Porto: Campos das Letras.
- Gunn Clare, V. T. (2002). *Tourism. Principles, Practices, Philosophies (4ª Ed.)*. London: Routledge/Spon Press.
- IPAM. (2018, julho 09). *Comunicados de Imprensa do IPAM*. Retrieved outubro 03, 2018, from [www.ipam.pt: https://www.ipam.pt/media/archive/2018/07](https://www.ipam.pt/media/archive/2018/07)
- Larry Dwyer, C. K. (2003). Destination Competitiveness: Determinants and Indicators. *Current Issues in Tourism*, 6, (pp. 369-414).
- Leitão, M. A. (2011). *A Evolução da Paisagem Rural do Norte de Portugal - Caso de Estudo: Concelho de Baião*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa.
- Luís Paulo Martins, M. G. (2014). O turismo como o argumento para o desenvolvimento - o Concelho de Baião entre a profusão do património e a espessura das actividades humanas. *XIV Colóquio Ibérico de Geografia*. Departamento de Geografia - Universidade do Minho.
- Marão, R. d. (2002). *Serra do Marão- Região de Turismo*. Vila Real: Edições livro Branco.

- Marino, E. D. (2008). *The Strategic Dimension of Destination Image. An Analysis of the French Riviera Image from the Italian Tourist's Perception*. Retrieved julho 25, 2018, from www.esade.edu/cedit/pdfs/papers/pdf10.pdf
- Mécia Cunha Mota, P. C. (2012, 1º Quadrimestre). CRIATIVIDADE : A CONSTRUÇÃO DE NOVOS CENÁRIOS PARA O TURISMO EM PONTE DE LIMA. *Revista Portuguesa de Estudos Regionais nº29*, pp. 59 - 70.
- Mota, A. (2006). *Outros Tempos*. Canelas VNG: Edições Gailivro.
- OCDE. (2014). *Tourism and the creative economy*. OECD Publishing.
- Organization, W. T. (2004). *Tourism Market Trends 2003 - World Overview & Tourism Topics*. Madrid.
- Pacheco, A. (2016, fevereiro 26). *Criação da "REDE DAS ALDEIAS VINHATEIRAS DE PORTUGAL"*. Retrieved setembro 2018, 05, from magazineserrano.pt: magazineserrano.pt/?p=17494
- Pacheco, E. (2001). *Alteração das condições de acessibilidade na Região Norte: expectativas e resultantes*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Pereira, F. S. (2014). *Memórias de Ancede*. Ancede: Chiado Editora.
- Philip Kotler, G. A. (2004). *Marketing Management: Analysis, Planning, Implementation and Control*. USA: Pearson Education.
- Pinto, M. L. (1949). *Por Terras de Baião*. Porto.
- Portugal, E. R. (2015, novembro). www.portoenorte.pt. Retrieved setembro 24, 2018, from *Estratégia de Marketing Turístico do Porto e Norte de Portugal Horizonte 2015 -2020:*

http://www.portoenorte.pt/fotos/gca/plano_estrategico_10327505915894b4d3a978b.pdf

Portugal, T. d. (2007). *Plano Estratégico Nacional de Turismo*. Lisboa: Turismo de Portugal.

Portugal, T. d. (2017, setembro). *estrategia.turismodeportugal.pt*. Retrieved setembro 24, 2018, from www.turismodeportugal.pt: estrategia.turismodeportugal.pt

Queiroz, E. d. (1901). *A Cidade e as Serras*. Porto: Livraria Chardron.

Redol, A. (1946). *Porto Manso*. Lisboa: Editorial Inquérito, Lda.

Renata Monteiro, A. M. (2018, julho 22). Adeus (publi)cidade, agora Carlos é agricultor na aldeia. Baião, Porto, Portugal.

Richards, G. (2015). World Travel Market Conference. *Creative Tourism: New Opportunities for Destinations WorldWide?* London.

Richards, G. (2015). World Travel Market Conference on "Creative Tourism: All that you need to know about this growing sector. *Creative Tourism : New Opportunities for Destinations Worldwide?* London: UK.

Rivière, G. H. (1989). *La Muséologie selon Georges Henri Rivière, Cours de Muséologie/Textes et Témoignages*. Paris: Dunod.

Rodrigues, A. D. (2012). *Estratégias de Turismo Sustentável em Portugal, O Caso das Aldeias de Xisto*. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.

Serralves, F. d. (2008). *Estudo Macroeconómico para o Desenvolvimento de um Cluster de Indústrias Criativas na Região do Norte*. Porto.

Silva, S. C. (2014). *Plano de Marketing Territorial - Tâmega e Sousa*. Comunidade Intermunicipal Tâmega e Sousa.

Teixeira, D. J. (2005). *O Ecomuseu do Barroso - A nova museologia ao serviço do desenvolvimento local*. Universidade do Minho.

UNESCO. (2006). Towards Sustainable Strategies for Creative Tourism. *Towards sustainable strategies for creativetourism*, (p. 2). New Mexico USA.

UNESCO. (2008). *A UNESCO E AS CIDADES: UMA PARCERIA*. Brasília: Sector de Relações Externas e Cooperação.

Walter, F. (2009). Les Échelles D'un Imaginaire Paysager Européen Dans L'histoire. In M. Bédard, *Le Paysage Un projet politique* (pp. 46- 70). Québec: Presses de l'Université du Québec.